Número 3 190$

FUGAZI
NEUROSIS
ZENI GEVA

New Age Travellers
Ocupação em Euskadi
Fanzines

Crack! nº3 (Agosto de 1995)
Fanzine do Colectivo Crack!

Equipa redactorial: Mutante Noé, Vasco Rodrigues e Luis Moreno.
Composição gráfica: Vasco
Agradecimentos: Todos aqueles que distribuíram e venderam o nº2: Samuel (Estoril), F.D.M. (Cascais), M.A.C. (Seixal), Rui (Aveiro), Experimental'distro (Setúbal), Jorge (Coimbra), Devanir (Campinas,Brasil), Triple K (Barcelona, Catalunha), Xaime (Compostela,Galiza) e mais aluns que desconhecemos ou não nos lembramos. Obrigado, também, a todos aqueles que já se propuseram distribuir este número 3.

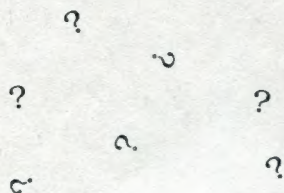
Preço de capa: 190$ (ou 160 ptas)
Pedidos por correio: 280$ (Portugal), 230ptas (Espanha), US$2 (Europa) e US$3 (resto do mundo - avião).
Em Portugal e Espanha podem enviar, como pagamento, selos de correio.
Números atrasados: O #1 (com NOMEANSNO, FUGAZI, BIG BLACK, LA POLLA, MURDER INC., Kronstadt, etc.) está esgotado. O nº2 (TROTTEL, ICE-T, X-ACTO, CORROSÃO CAÓTICA, Resistência India, Hunt Saboteurs, etc.) continua disponível ao mesmo preço do #3.

Este fanzine não tem distribuição comercial. É um produto subterrâneo que conta para a sua distribuição da colaboração de pessoas e colectivos interessados na divulgação da imprensa marginal. Se estiveres interessado em distribuir 6 ou mais exemplares do *Crack!*, seja através de uma distribuidora, em concertos, junto dos teus amigos, etc. escreve que nós enviar-te-emos preços de revenda e mais informações.

Quaisquer colaborações, pedidos de informação, cartas de amor, propostas de distribuição, devem ser enviados para:

Crack!'zine
Apartado 4102
4002 Porto Codex
Portugal

CRACK! TOP 10

Mutante Noé

Vasco Rodrigues

- EL CORAZÓN DEL SAPO - La Imaginación Contra... LP
- SOZIEDAD ALKOHOLIKA - Y Ese Que Tanto... LP
- REINCIDENTES - No es Tarde si la Dicha es Buena LP
- J CHURCH - This song is for Kathi 7"EP
- JELLO BIAFRA and MOJO NIXON - Prairie Home... CD
- KOJON PRIETO Y LOS HUAJOLOTES - LPs
- NEBOA - Cass
- *Profane Existence* (zine)
- "Terror or Love - How It All Began" (livro)
- "Viajantes à Beira de uma América em Crise" (livro)

Luis Moreno

- JELLO BIAFRA and MOJO NIXON - Prairie Home... CD
- FRANK ZAPPA - The Real Book of Frank Zappa (livro)
- JAMES GLEICK - CAOS (livro)
- 'Belle' - de IRMA ACHTEN (filme Holandês, 1993)
- BRUCE STERLING - The Hacker Crackdown (livro)
- MATERIAL - Hallucination Engine CD
- HELL NO (Banda HC formada a partir dos Citizens Arrest)
- J CHURCH - This song is for Kathi 7"EP
- WARZONE - From old school to new school CD
- SENSER - Staked Up CD

O ano de 1994 marcou-nos profundamente pela perda de um companheiro que por aquilo que representou para nós e pela ligação que teve a este zine merece ser aqui lembrado. Era Fevereiro quando fomos surpreendidos pela morte do Artur, vítima de uma prolongada doença que inconscientemente nunca quisemos encarar como fatal. Colaborador do *Crack!* desde o seu início, a sua actividade na *cena* começou alguns anos antes com a co-edição do fanzine "Sociedade Deturpadora" que chegou a ter dois números. Mais tarde integrou uma banda, os Scourge, como vocalista, para poder tocar o seu estilo preferido: *grind / noisecore*. Deram apenas dois concertos, um deles no *Johnny Guitar* em Lisboa, e gravaram um tema para o duplo LP compilação "The Birth of a Tragedy" editado pela MTM. Viria no final de 93 a sair da banda por discordâncias com os outros elementos. Seria desapropriado descrever aqui a tristeza que o seu desaparecimento causou, já que quase todos sentiram, numa altura ou outra da vida, a perda de um amigo e sabem o que isso significa. Só sublinharei o facto de o Artur ter sido o elemento da *cena* que conhecia há mais tempo e que ainda não tinha, mesmo após diversos anos, sofrido o processo de "amadurecimento" que afecta muitos que, a certa altura, passam a considerar determinadas ideias e atitudes como uma mera "fase de juventude". Nunca me poderei esquecer, porém, do seu inesgotável interesse pelo HC, mesmo quando já perto do fim, no hospital, me telefonava muitas vezes para saber novidades, se tinha recebido discos novos ou para lhe enviar o último número do *Profane Existence* ou *MRR*. Foi lá que escreveu as suas últimas linhas: os *reviews* deste número. A avidez com que comprava e ouvia discos proporcionava-lhe um conhecimento do Punk-Rock como vi em ninguém que algum dia conheci. **Vasco**

Os concertos dos FUGAZI

Na digressão europeia dos FUGAZI as 6 datas agendadas para Espanha eram interrompidas apenas por duas datas aqui neste oásis de conformidade. Mais tarde viria a ser reduzida a uma só data: 31 de Maio, Lisboa. O local para se efectuar o concerto só foi arranjado 10 dias antes do evento, daí ter havido muito pouco tempo para publicitar como deve ser, no fundo era a primeira vez que os Fugazi tocavam em Portugal. Depois de na 2ªfeira, 29 de maio terem dado um concerto arrasador para meio milhar de pessoas, em Santiago de Compostela, deslocavam-se 2 dias depois a Lisboa para um concerto que devido à escassez (260 pessoas) e passividade do público, foi mais compenetrado e intenso sem ser rápido. Os números falam por si: em Compostela o concerto durou uma hora mais 20 minutos de *encore* o que bastou para que Guy saísse a rastejar sem se conseguir aguentar nas pernas. Em Lisboa o concerto durou duas horas, os temas tocados foram diferentes, e no fim Ian McKaye confessava-me estar contente por eu ter tido a oportunidade de ter visto dois concertos distintos. Dizia: "É sempre assim, nós reagimos sempre a tudo o que nos rodeia, e cada concerto que damos é diferente, pois reflecte o modo como nos queremos exprimir no momento". Sem dúvida os melhores concertos que alguma vez vi. [LM]

CAPA: Cenas da manifestação de 31 de Março de 1990 em Londres contra a *Poll Tax*. 200000 pessoas estiveram presentes. Fotografias tiradas do livro "Poll Tax Riot - 10 Hours That Shook Trafalgar Square" (Acab Press).

"Olá Luis!
Globalmente gostei bastante do trabalho. Numa breve passagem de olhos, duas coisas ressaltam à vista; a excelente apresentação e a qualidade dos textos, bem escritos e bem desenvolvidos. Só é pena ter poucas páginas. Fazendo um *zoom*, gostei bastante da coluna "A História Deles" e da entrevista dos Trottel. As entrevistas estão bem feitas, mas acho que se devia distinguir um bocadinho mais, as opiniões e criticas da parte musical. Tá certo que é interessante saber a opinião das outras pessoas mas acho que deviam falar mais no seu trabalho. Também não concordo com alguns artigos e ideias mas isso é que me dá prazer em ler. As criticas aos discos e livros estão muito boas e sinceras mas por vezes fico com a impressão que reflectem um pouco os gostos das pessoas que as assinam. Tendo em conta tudo isto o preço é bastante agradável. Parabéns pelo excelente trabalho!!"

Sérgio, Castelo de Paiva

"(...) o vosso fanzine está bastante bem escrito tem um excelente grafismo, embora discorde totalmente de certas criticas, principalmente a discos — acho que dar uma pontuação é também castrador e só eleva os gostos do crítico. As bandas portuguesas merecem todo o apoio, mas não exageros, nem veneração. Uma boa critica construtiva ajudará mais as bandas."

João (banda Pé-de-Cabra), Linda-a-Velha

(Transcrevemos a carta, tal qual a recebemos...)

"ANO:94
Açerca do titulo CRACK
Crack: Algo que se quebra; um pau a quebrar, uma sociedade putrefacta estalando espalhando o seu cheiro nauseabundo, há outros Crack co-mo também há uma droga que se chama Crack.
Agora pergunto qual será o significado que alguém atribua quando se depara com o titulo, além da própria pessoa, só Deus sabe não é? O vosso titulo é GRAVE porque pode incitar os espiritos pobres e não pobres a experimentar essa droga, num maldito momento que lhes passe pelas mãos (essa ou outras, leves ou pesadas, excluindo o "maldito" no momento em que a droga seja leve substituindo-a por "merdoso")
MUDEM O TITULO !!!!
Não sejam culpados de contribuirem na transformação de uma pessoa com as qualidades humanas emergidas ou submergidas, num verdadeiro MUTANTE onde as qualidades humanas não se encontrarão de forma alguma. E sem saber se existirá um céu ou um inferno depois da vida conhecerá um perpétuo inferno na vida."

José Luis Albertino (com morada falsa)

"(...) Queria saber um pouco da história do *hardcore*, como e onde se iniciou, e quais as suas relações com o Punk-rock inglês de 1977."

José Carlos, Condeixa-a-Nova

O hardcore*, ao contrário do que muita gente pensa, não é um movimento ou um estilo musical por si só. É apenas um prefixo à palavra* punk. *A palavra surgiu para designar o som e a atitude das bandas punk americanas dos finais dos anos 70 que, ao contrário da maioria das bandas punk inglesas, tinham um som mais agressivo e um conteúdo político geralmente mais maduro. Dai surgiu o termo* "hardcore punk". *As primeiras bandas hardcore surgiram pouco tempo depois da explosão punk inglesa com os SEX PISTOLS. Na altura, porém, ninguém ligava nada às bandas que vinham dos EUA: anos mais tarde, porém, o hardcore viria a ser conhecido e tocado em quase todo o mundo, sendo precisamente as bandas americanas aquelas que são, de longe, as mais ouvidas hoje em dia. O punk, embora sempre tenha estado ligado à música e seja — por muito que nos custe admiti-lo — um fenómeno de moda juvenil, pode-se considerar um termo lato que pode (e deve!) dizer respeito a uma certa forma de pensar e agir no quotidiano. Um punk, mesmo que não se assuma como anarquista, encontra-se dotado de um espírito crítico acima da média e é grande o seu apreço dado a valores como liberdade e igualdade. É positivo observar que, com o passar dos anos, o punk cada vez menos tem a ver com a maneira de vestir, ou mesmo até estilo de música. Torna-se, cada vez, mais incerto avaliar uma pessoa pela forma como veste já que a probabilidade de encontrar autênticos imbecis vestidos à punk é bastante grande.* (VR)

"Achei o nº1 mais interessante por ter falado mais em política já que o nº2 falou muito em música e isso é assunto que a maior parte dos zines contêm. Entretanto, algo que eu gostei para caramba foi a reportagem sobre os "Hunt Saboteurs". Muito legal! Sem dúvida o Crack! é o zine mais elaborado e de maior conteúdo que eu já li em português."

Kátia Jucá, Santos - Brasil

O *CRACK!* ERROU!

No *review* ao LP dos MORAL SUCKLING no número anterior foi dito que esta banda é composta por ex-membros dos RUDIMENTARY PENI, o que é falso.

DETESTEI O *CRACK!*

Escreve e conta-nos a tua opinião sobre o que aqui leste. As críticas, sejam elas positivas ou negativas, são sempre bem vindas.

Homens e mulheres do EZLN, Chiapas, México. A Revolução é um momento, um revolucionário todos os momentos!

Colunas

A Revolução parece-me vista pela maioria das pessoas como um ponto a partir do qual a história acaba e recomeça duma forma totalmente diferente.
Este pensamento leva mais cedo ou mais tarde à discussão de que as "massas não estão preparadas", "isso é muito bonito mas nunca funcionou durante muito tempo", "as pessoas são más", "essas ideias antigas não pegam e há pouco pessoal empenhado", etc.
De facto, a generalidade das propostas revolucionárias é simplesmente destruída com esta mentalidade derrotista, principalmente quando a participação no sistema se torna inadiável e as alternativas, mesmo que procuradas, parecem nunca responder aos nossos anseios. As ideias ficam, mas parecem uma luta no vazio, enfim, por algo que não existe, mas existirá claro... "após a revolução!".
Bem, a necessidade prática de uma revolução não se resolve com a generosidade ou ingenuidade duma ideia de futura união em paz e amor. Nem se resolve tampouco com uma rigorosa militância às ideias/organizações em que muitos de nós estão empenhados, muitas vezes apenas na produção de panfletos, textos e músicas sobre o que acontece de mau na "vida real". As ideias são importantes, para a desconstrução do paraíso que nos querem fazer entrar nos olhos através dos *media* e instituições base desta sociedade, mas cabe-nos agir em consequência.
A minha ideia de Revolução é aquela que sinto naqueles luares intensos num pico de montanha, no olhar dela enquanto o meu corpo se exprime, na emoção dum momento em que a amizade conta por tudo, ou quando algo criado surge do meu espírito e corpo. E isto nunca acaba, recomeça-se sempre, porque a vida simplesmente desemboca em acontecimentos novos e plenos.
Luto por transformar esses momentos numa realidade vivida no dia-a-dia. Quero viver uma alternativa agora, em conjunto com todos aqueles que desejam e lutam por um presente melhor.
Para boicotar a sociedade que se odeia é necessário construir já aquela que se ama.
A construção duma alternativa pode existir aqui e agora. A alternativa, ou a sua filosofia está no que realmente fazes, no que queres fazer, na tua vivência e no teu ofício. A tua vida é uma realidade alternativa se a conceberes de acordo com a tua utopia.
A complementaridade das alternativas, forma uma sociedade real alternativa, em que vives, amas, aplicas o teu tempo em actividades produtivas que trocas com todos os envolvidos no processo social alternativo.
A possibilidade de viveres sem exploração do homem pelo homem; sem espartilhares os momentos do dia-a-dia em trabalho/distracção/amor/...; encontra-se em ti.
O entrelaçar das actividades, de todos os que agem de acordo com os ideais que os motivam, cria a sociedade libertária, em que cada um são todos e todos são um.

Nota: O objectivo desta divagação, que sei imperfeita e inacabada não é apresentar um paraíso embalado para vosso consumo. Escrevam, exponham as vossas ideias, incomodem os vossos miolos.

Hoje acordei muito biográfico e queria pedir-vos que nos compreendessem por termos demorado mais de um ano entre a edição do numero 2 e este 3, mas as razões são tão vastas e complexas que não adianta falar delas, até mesmo porque tudo faz parte do facto de o colectivo Crack! ainda não ter conseguido arrendar um daqueles escritórios exíguos no centro da cidade, com aluguer de 300 contos por mês. Como já devem ter desconfiado a feitura de fanzines está condenada a dar prejuízo financeiro e acarreta despender tantas horas, tantas horas de trabalho, que se torna de impossível contabilização. Mas conscientes de que sem literatura, a contracultura portuguesa não ganha consistência mantemos sempre a chama acesa... isto até parece um raio de uma missão. E como todo o tipo de missionários, esperamos sempre ansiosamente que apesar de vermos o nosso esforço recompensado nas palavras de conforto, a nossa força conjunta aumente ao ponto de podermos apoiar a formação de núcleos de ideologia similar. Esperamos também que este género de publicações deixe de ser feita na fotocopiadora da esquina, para ser distribuída pela malta do bairro e arredores. As dificuldades, nós sabemos melhor do que ninguém quais são, mas o empenhamento em fazer um fanzine, e o esforço em escrever os artigos e montar as páginas, pode acabar por ter sido inútil se no fim apenas um punhado de pessoas forem ler essas mensagens. É com profundo agrado que vejo sempre o aparecimento de novos fanzines, mas quando sei que parte destes novos fanzines nem tão pouco se dão ao trabalho de divulgar e espalhar os seus exemplares, então penso que já se começou mal. Uma distribuição e uma troca de informação eficiente entre todas as pessoas de ideologias libertárias em Portugal é urgente e necessária, até mesmo para evitar o proliferar de boatos derivados da falta de informação, e de frases com "..ouvi dizer que...". Mas a função mais importante de uma troca de informação eficiente entre os libertários no nosso país, é o facto de se saber que existe um núcleo, uma força e uma plataforma ideológica minimamente elucidativa para quem aqui chega e pergunta: mas quem raio são vocês todos, os que fazem fanzines, têm distribuidoras, têm bandas, e mantêm ocupações. É necessário fazer acções de protesto locais, mas a força tem de ser trocada entre todos nós quer estejamos no norte, sul ou centro. E se seguiram o meu raciocínio, compreenderão concerteza que não é com hermetismos, e com distribuições locais de informação, que as coisas se desenvolvem. Desde que o Crack! começou, raras foram as pessoas que não reconheceram o nosso esforço. Mas grande parte destas pessoas diziam que sim que é preciso lutar contra o sistema, muita anarquia prá cabeça, punk/hardcore àbrir e bute lá fazer a revolução, e depois desapareciam. A outra parte destas pessoas estão em locais geográficos de Portugal que não lhes permite participar activamente (quer em concertos, acções directas ou ocupações), mas demonstram vontade por abrir os horizontes pois estão fartas de terem o cérebro lavado. Então recebem um zine em casa lêem-no e ficam cheias de vontade de agir mas com o passar do tempo ou conseguem fazer algo ou então desistem. Do outro lado temos pessoas que desconhecem o movimento ou a cena libertária (ou neo-libertária) mas que de um modo ou de outro estão mais atentos ao que se passa e se recusam a pactuar com o sistema corrupto.
A minha pergunta é: onde quer que estas pessoas estejam como é que nós podemos criar um elo para nos unirmos a elas (e elas a nós) se nem tão pouco temos um elo que nos une a nós enquanto malta... tás a ver, autónoma, libertária e anarquista? Não é possível! O que se está a fazer de momento neste país, é cuspir um monte de atitudes panfletárias, mas descuidadamente incentivando um individualismo estúpido que me deixa vermelho de raiva. Pela parte que me cabe, abro as portas do fanzine Crack! e do nosso colectivo, para que todos os que como nós estão fartos de tanta fragmentação inútil, possam mandar as vossas ideias sob forma de arte ou não. Não nos podemos fechar por dentro, senão, que sentido é que faz comunicar com quem está de fora? Eu estou optimista, embora saiba todas as limitações que existem. Queria dedicar a minha parte de esforço na feitura deste zine a todos os que pelo mundo sofrem oprimidos, e que já não vêm luz nenhuma no fundo do túnel. Eu sei que é uma mensagem linda, mas convém lembrá-la e praticá-la.

cAoS, revol00ção & tecnologi@

Falar de CAOS como a mais recente forma de ciência, é falar de uma nova forma de organização, é falar de um novo tipo de visão matemática e física, é portanto falar de uma revolução. É já senso comum que muita da confusão que atribuem ao Caos esconde por trás de si uma organização própria, quando por exemplo, alguém desculpa a sua desarrumação dizendo que só se entende no Caos. De facto a revolução do Caos vai muito mais longe impondo leis e regras de tal modo perfeitas, que podemos dizer que este estranho Caos oculta um mecanismo organizacional assustadoramente perfeito. Mas o que é o Caos afinal? Ninguém se iluda, nem pensem que vou fazer alguma revelação bombástica, pois o Caos é o Caos, é a confusão, mas está muito longe de ser a desordem, ou melhor, é outra ordem. À vista da ordem como nós a conhecemos, o Caos é efectivamente desordem, mas isso seria o mesmo que classificar todos os animais da selva em duas categorias: os elefantes e os não-elefantes. A ordem que o homem criou através das leis científicas e sociais, trata-se de uma série de modelos que como sempre procuram aproximar-se da realidade. A distância que separa o mais perfeito destes modelos, da realidade como a conhecemos, é o sitio onde mora o Caos. O Caos pode ser interpretado como a causa de erros devido a arredondamento; e como causa de imprevistos e de falhas incompreensíveis, a que estes modelos estão sujeitos. O espaço em que nos movimentamos é complicado em interacções, mas um determinado ramo da ciência quando estuda um sistema, procura (erradamente) isolá-lo e assim registar o seu comportamento sem ter em conta as influências externas mais indirectas nesse sistema. Este ramo da ciência sabe o que está a fazer ao ignorar certas causas: está a simplificar o problema, está a modelá-lo, está a torná-lo num problema puramente linear, deixando de fora a distância entre o modelo e o real (o Caos), aquilo a que se chamam as não-linearidades. Quando se verificam erros ou incoerências na análise desse sistema, o processo pára, e faz-se tudo de novo até (vejam só) «dar certo». Esta abordagem, ignorou por completo a origem do seu erro, ou melhor, chamou-lhe erro, quando de facto se tratava da influência das tais não-linearidades, ou melhor ainda, quando se tratava de Caos — um mundo com uma ordem contrária à do modelo linear usado. Ao longo da segunda metade deste século, alguns homens descobriram que essas ditas não-linearidades sempre estiveram ali debaixo dos seus narizes. Esses homens eram meteorologistas, biólogos, economistas, e principalmente matemáticos (sendo a matemática o fio condutor de todas as especialidades que mencionei). Um novo mundo auto-gerido e auto-organizado interferia nos modelos lineares, corrompendo-os de uma forma regular. Era portanto o Caos mascarado de regularidade, uma fina estrutura geométrica, uma ordem mascarada de acaso. Surgiu então a necessidade de estudar o Caos, mas os velhos modelos não iriam servir de nada, especialmente a gasta noção das dimensões inteiras (ou um, ou dois, ou três, por aí fora... se conseguirem), e a bruta geometria Euclidiana, que sempre nos impingiu os círculos, os cubos e os triângulos. Um dia alguém acordou e disse: "As nuvens não são esferas!". Os modelos lineares e deterministicos começam assim a cair por terra quando tentamos abordar o mundo complexo do Caos. A dificuldade na modelagem do Caos reside no facto deste ser auto-gerido, auto-organizado, aparentando desordem mas ao longo do tempo (e espaço) demonstrando um comportamento monstruosamente estável e regular. Será que esta realidade cientifica (que nos irá afectar a todos), não desperta nenhuma metáfora social nas vossas cabeças? Será que não se assustaram com tanto Caos e já conseguiram ver alguma ordem aqui, nesta comparação que surrateiramente nos vem tomando de assalto e abrindo os olhos para o terrível paralelo, que de uma forma macabra sempre uniu sociedade e ciência? Será que é preciso dizer que toda esta introdução à Ciência do Caos foi precisamente para chamar um outro mundo à parte chamado Anarquia? Não, não me venham com desabafos de que a Anarquia é o subsidio dos perdidos e deslocados e que por ser tão impraticável se torna uma Utopia. Não comecem a vomitar já e ouçam, se fazem o favor. Afinal a essência deste texto é vocês chegarem ao fim da sua leitura e descobrirem como é que se liga Caos com Revolução com Tecnologia. Dizia eu que a Anarquia e o Caos têm muito em comum. Mas reparem bem que o Caos de que vos falo, introduz novas e perfeitas formas de organização, o que se vem abraçar à noção social de Anarquia, como uma forma marginal de organização, Utópica porque perfeita, e irrealizável porque incompreendida na sua essência organizacional. Voltando à Ciência do Caos, ela revela-nos pequenos focos hiperactivos de Caos que se movem e se regem independentemente da forma de organização que os rodeia. A ideia social de uma comunidade Anarquista não é incompatível com a ordem social estabelecida, pois trata-se de um foco caótico auto-governado, no meio de uma ordem à qual a perspectiva de Caos está muito além da sua mesquinha ordenação: hierárquica, competitiva e com um sentido moral execucionista e condenador. Não sejam tão cépticos quando vos faço este paralelo entre Ciência e organização social. Estes dois aspectos estarão tão próximos quanto a nossa análise o permitir. Expandindo a outros campos: a tecnologia como um fruto da curiosidade cientifica, e esta por sua vez resultado da necessidade social de evoluir, mudar, procurar formas mais perfeitas de funcionamento, rodar,... revolucionar. Desde sempre, a maior fatia no desenvolvimento da tecnologia tem sido fruto da necessidade de aperfeiçoar meios bélicos, ou num sentido mais geral, fruto da concorrência entres massas humanas (nações, credos, raças, e outras divisões sem sentido). Penso que não será necessário explorar este aspecto pois ele é demasiado claro a todos os que sabem que a actividade cientifica que desenvolve e fundamenta a tecnologia, é controlada, censurada e financiada com propósitos usurpadores e manipuladores, pelos grandes impérios que vão desde os Governos à Igreja, passando obrigatoriamente pelo Exército e colossos empresariais privados. A tecnologia nunca foi no entanto, e felizmente, um domínio exclusivo de quem financia, pois estas entidades supremas, apenas controlam aquilo que deve ser implementado enquanto produto final, e nunca controlarão o conhecimento e curiosidade que escorre, por exemplo, pelas Universidades. As Universidades, embora controlem de forma descarada até onde um aluno pode ir nos seus meios, nunca poderá impedir o aluno de os estudar e de os conhecer até ao fundo. Uma vez munido destes conhecimentos, o aluno, ou simplesmente o curioso, sentirá uma necessidade quase irreprimível de ir mais longe e avançar nas suas descobertas e investigações. É então que este nosso personagem vai confrontar-se mais tarde ou mais cedo, com limitações de «ordem técnica» que o impedem de prosseguir. Estas limitações foram já friamente calculadas e colocadas de modo a fechar o circulo daqueles que dispõem do conhecimento que é no fundo um bem e uma propriedade dos que impõem as ditas limitações (e financiam). É assim que eles vêm o conhecimento: como uma propriedade, e como tal, há quem tenha privilégios (mas sempre com limites), e há os que têm o campo de acção muito limitado. Mas acontece que tal como um liquido cujo fluxo é difícil de controlar, o conhecimento é guardado, mas para quem se empenhar na sua busca, torna-se fácil quebrar muitas das limitações iniciais e assim estar tão apto a controlar quanto aqueles agentes de controlo «autorizados». Nesta altura entramos num campo de discussão universal, onde é sabido que a principal vantagem de todos os governos do mundo é o conhecimento de causa. Concluímos portanto, que ignorância é algo que traz muitas vantagens aos controladores do conhecimento. Voltando ao mundo da tecnologia, vemos que quando certos possuidores de conhecimentos informáticos profundos, não estão dispostos a seguir as regras impostas pelo Estado e Superutilizadores, estas pessoas são apelidadas de criminosos ou mais ridículo ainda, de piratas informáticos. Para resumir este tipo de pessoas que detêm um apurado conhecimento informático, mas que sensatamente se recusam a usá-lo no proveito do Estado, usaremos o termo Hacker. O que me interessa é mostrar-vos que o conceito de Hacker não implica uma atitude de abuso puro e simples, apenas porque se têm os conhecimentos para isso. Não é muito difícil compreender porque é que existem poucos e bons Hackers se a maior parte dos candidatos a Hacker ficam pelo caminho pois a dada altura não resistiram e usurparam algum sistema por simples afirmação ou satisfação pessoal. Estes candidatos, facilmente são apanhados, condenados e acabam por manchar o conceito de Hacker. Compreendem então o enorme perigo que constitui um Hacker para o poder corporativo, pois à sua destreza e conhecimentos estão aliadas as qualidades do bem-saber sabotar. Sabotagem sem rasto e totalmente fatal para o poder instituído e manipulador é a maior vitória para um Hacker e em termos de efeito, um bom Hacker é mil vezes mais ameaçador para o Estado, que qualquer acção directa. Ambas as formas são necessárias e ambas as formas de contra-acção exigem consciência e conhecimento. E reparem que a distância entre os princípios da cultura subterrânea de um Hacker e de alguém que contribui numa acção directa, é infinitamente pequena. Na cibernética de códigos quebrados e autorizações violadas, é necessário todo um leque de truques e esquemas, sem os quais nada seria possível. Nas ruas as coisas funcionam de modo assustadoramente paralelo: todos os truques para ludibriar e enganar o Estado são poucos, e é no seu aperfeiçoamento que o anarquista deve concentrar grande parte da sua força e inteligência. Desta forma ficou fechado o circulo que me propus desenhar em volta do triângulo de três vértices: Caos, Revolução e Tecnologia. **Luis Moreno** snail mail me asking for my e-mail

Jornadas Libertárias no Porto

Decorreram de 26/Março a 28/Abril de 95 no Porto as "Jornadas Libertárias", iniciativa organizada pelos colectivos Terra Viva, Cadernos Insurreição, Inquietação e Olhos de Raiva. Tiveram lugar diversos debates alargados sobre temas actuais: Ecologia Social, Exclusão Social, Libertação Animal, a Mulher, Ocupações, Racismo/Xenofobia, FMI/Banco Mundial, Militarismo e Eleições. A ideia primordial que estava por detrás da promoção destes debates era a de cativar o público através da apresentação de um tema genérico que depois seria condimentado por uma perspectiva libertária. Porém, a adesão do público foi globalmente fraca, evidenciando o carácter um pouco megalómano das Jornadas, ou seja a sua desadequação em termos temáticos e em termos de calendário à realidade do Porto actual, uma cidade com poucos libertários e onde pensar é a última coisa que a população em geral costuma fazer. Excepções houve em que a adesão foi grande: a Festa de Abertura, na qual teve lugar um concerto de entrada gratuita com diversas bandas punk; e o debate intitulado "Eleições - Porque Sim?", da responsabilidade do Inquietação, colectivo que aqui demonstrou mais uma vez a sua capacidade mobilizadora em iniciativas deste género. No final das Jornadas participaram diversos libertários vindos de outras regiões do país no que foi (ou, pelo menos, deveria ter sido) um encontro interno para discutir estratégias para futuras iniciativas em comum. Coincidindo ainda com estas Jornadas foi lançado o primeiro número da revista *Utopia* (ver secção *Publicações*).

La Paz Desalojada

Zaragoza - Crónica de um Desalojo

"La Casa resiste si tu resistes"
A 12 de Março de 1987 é ocupada Calle Sagasta, nº52. A 27 de Maio de 1993 o juiz Ignacio Medrano dita o desalojo. A 22 de Dezembro de 93 os okupas são notificados da ordem de despejo. O habitual são alguns dias de prazo para se retirarem todos os haveres. A 23 de Dezembro de 1993 às 9h00 entram na Casa Okupada de La Paz, agentes judiciais, antidistúrbios, brigadas de construção e operários municipais. Não estava nenhum okupa no interior da Casa. Assim começou o desalojo de um dos mais antigos Squats (casas ocupadas) de Espanha, em Zaragoza, que se estendeu por duas semanas, com autênticas batalhas campais entre okupas e policia, resultando em várias zonas da cidade em paralisações massivas de trânsito e em explosões por todo lado. Só nos resta dizer: UM DESALOJO UMA OKUPA! [Fonte: El Acratador, Zaragoza]

OCUPAÇÕES

Porto

A primeira cidade portuguesa a ter uma Ocupação Autónoma, viu já a criação de duas Ocupações. Uma durou 3 meses e a outra durou desde 16 de Fevereiro de 1994 até meados de Setembro 94: 7 meses!! A ocupação e recuperação de casas abandonadas, para criação de um centro social e um local de convívio e resistência, são os ideais que movem os Okupas, ou seja o movimento Autónomo do Porto. São às centenas, as habitações abandonadas na cidade do Porto, que esperam a sua substituição por uma muralha de betão que lhes ocupe o lugar. Enquanto isso vão apodrecendo em nome da especulação imobiliária. E as pessoas que não podem pagar para morar na própria cidade, vão ficar de braços cruzados? Fez no dia 16 de Outubro de 1994, um ano que os Autónomos do Porto descruzaram os braços e ocuparam a primeira casa abandonada. Fica-se agora à espera de uma maior união e também de nova okupa. (*para uma descrição mais detalhada das duas Ocupações no Porto ver o fanzine Lunatic#1*)

Era uma vez uma prisão

Esta notícia não é recente, mas como não foi noticiada pelos grandes *media*, aqui vai.

Era o maior projecto para a construção de uma prisão na Alemanha. Sobre um terreno de 10 hectáres queriam construir o cárcere mais moderno da Europa. Era constituído por 7 secções para homens e mulheres. Não havia um só canto em todo o edifício que não estivesse controlado por câmaras. Os módulos foram projectados de modo que não houvesse nenhuma possibilidade de comunicação entre presos. Estes deveriam estar encerrados em módulos autónomos de 20 pessoas que, ao deslocarem-se de um sítio a outro do edifício, não teriam contacto com outros grupos existentes no mesmo. Antes de serem incorporados num destes grupos, os prisioneiros teriam que passar por uma extensa revisão psiquiátrica cujos resultados determinariam o grupo em que deviam ser incorporados. Teria sido um cárcere completamente à altura dos tempos modernos: imaculado de fora, os indivíduos estariam agrupados de maneira científica e despojados de toda a possibilidade de escaparem do olhar omnipresente dos gestores. Só que...
Na noite de 27 de Março de 1993, seis dias antes da inauguração deste "modelo de sistema penitenciário humano" um comando da Fracção do Exército Vermelho (RAF)* ultrapassou com a ajuda de escadas os muros exteriores da prisão, neutralizou 11 guardas da instalação e encerrou-os numa furgoneta a uns 100 metros de distância. Depois de vasculharem a prisão para ver se havia mais pessoas, colocaram 200Kg de explosivos em lugares estratégicos, para depois fazer voar pelos ares este exemplo do progresso humano.
Resultado: as primeiras estimativas falam de danos materiais na ordem dos 100 milhões de marcos, a secção central da prisão (que continha toda a electrónica de controlo) ficou completamente destruída.
Alguns anos mais terá que esperar este projecto de "sistema penitenciário humano" para ser levado à prática (isto se não suceder algum azar entretanto...). [Fonte: A/Parte, Barcelona]

**grupo alemão de guerrilha urbana de orientação marxista-leninista. Criado em 1970, já foi conhecido como grupo Baader-Meinhof.*

KILL THE BILL!

A luta contra a *CRIMINAL JUSTICE BILL*

Por Victor D'Andrad

Em 1994 o governo Inglês, com a introdução da *Criminal Justice Bill*, resolveu "limpar" o país de viajantes, okupas, *ravers* e manifestantes pacíficos. A proposta de lei, torna criminosos os desabrigados, viola os direitos humanos básicos, fomenta o racismo e a xenofobia, bem como torna ilegal manifestações ou a sabotagem às caçadas (ver Crack! #2 - *ed.*), com a desculpa de, respectivamente, existirem agitadores entre as massas e de se estar a pisar chão alheio. Movimentos de protesto contra a C.J.B. levantaram-se por todo o país durante o Verão de 94: várias *raves*, ocupações de edifícios públicos, manifestações onde a criatividade e o pacifismo estavam presentes, e uma concentração massiva de 50000 pessoas no centro de Londres, nomeadamente em Downing Street, residência de John Major (*primeiro-ministro inglês - ed.*). Só esta concentração teve cobertura nos comunicação social. Em momentos de geral crise política e decadência económica, o governo tenta fazer de alvo certas minorias e grupos de oposição.

C.C.L. - Novo Fôlego

O Centro de Cultura Libertária encontra-se em pleno crescimento. Reiniciou as suas actividades, já há dois anos. O seu espaço conta com um local de reuniões, partilhado por diferentes grupos de trabalho. Uma biblioteca e espaço de divulgação de fanzines e discos e cassetes. Editam, também, o Boletim de Informações Anarquistas. Se fores a Lisboa dá lá um salto (de preferência aos Sábados à tarde): Rua Cândido dos Reis, 121-1ºD/ Cacilhas

Campanha contra o FMI e Banco Mundial

Estas instituições financeiras internacionais que promovem endividamento dos países do 3º mundo, estão a ser motivo de uma campanha internacional. Interessados em distribuir panfletos de divulgação e em obter informações sobre este assunto, contactem os Cadernos Insurreição, colectivo que por cá tem dinamizado esta campanha: Apartado 4013/4001 Porto Codex.

Anarchy In The UK

À semelhança do que já havia acontecido em anos anteriores com a realização da "Anarchist Bookfair" teve lugar em Londres, de 21 a 30 de Outubro de 94, uma iniciativa desta vez bem mais ambiciosa que as anteriores: o festival "Anarchy In the UK-10 Days That Shook The World". Este foi o primeiro festival a procurar reunir o lote mais amplo possível de pessoas, desde os *crustie punks* mais excêntricos até aos mais "sérios" anarquistas. Para tal a agenda era carregadíssima: manifestações, encontros, projecções de filmes, teatro, feira do livro, *work shops*, *cabaret performances*, "sex shows", *raves*, concertos punk (e não só) a um ritmo de 2 a 4 por dia! Muitas pessoas vindas da Europa e América do Norte também participaram, tendo até sido ocupada uma casa de propósito para acolher muitas dessas centenas de pessoas! Dias loucos, que o digam os portugueses (um *Cracker* também) que lá estiveram. Ficamos à espera de outro festival do género (Berlim?).

Antimilitarismo em força em Espanha

Faltando contabilizar o mês de Dezembro, mais de 73000 pedidos de objecção de consciência foram entregues ao Consejo Nacional de Objeción de Conciencia (CNOC) durante o ano de 1994 em Espanha. Este números apontam para um aumento de 20.6% no número de pedidos em relação ao mesmo período do ano anterior. Para além de objectores de consciência, existem vários "Insubmissos", jovens que se negam a prestar o Serviço Militar e o Serviço Civil. Este tipo de desobediência é punida com prisão, situação na qual se encontram actualmente várias pessoas.

Um enorme contraste, sem dúvida, com a situação portuguesa em que, apesar de não dispormos dos números oficiais, apontamos para não mais do que algumas dezenas de objectores... [Fonte: UPA]

Polónia

Generalidades e Contactos

Por Mutante Noé

A situação actual da Polónia varia entre a extrema passividade (por parte da geração desiludida com o capitalismo) e a revolta (da nova geração). Um vazio de ideias instalou-se, está a ser preenchido com o consumo: McDonalds, Sex-shops, Centros Comerciais e a crença em valores tradicionais e conservadores: família, nação, igreja.

Após o desintegrar do comunismo em 1989, uma elite do sindicato Solidariedade assumiu o poder. 5 anos após, apenas 30% da população eleitoral se deslocou às urnas de voto em Junho de 1994. O partido do governo é o Partido Social Democrata (com membros do Solidariedade e comunistas do antigo regime) que instituiu o *slogan*: "Capitalismo de rosto humano" e se aliou à igreja Católica. Apenas alguns sindicatos livres se manifestam mais radicais numa mudança de valores e práticas solidárias, Agosto'80 e a União dos Sindicatos Livres. Existem também pequenos grupos fascistas (Frente Nacional Polaca, União Nacional Polaca) que contam com o apoio de Skinheads, um grande problema nas cidades próximas da Alemanha: Poznan, Gdansk, Schiziekin.

Foi em 1980-81, período de menor repressão do regime comunista e surgimento do movimento Solidariedade (a que aderiram 10 milhões de pessoas), que o activismo social de pequenos grupos alternativos e anarquistas recomeçou à luz do dia. Neste momento está disperso e as suas actividades são pontuais apesar de existirem muitos grupos locais (ecologistas, anarquistas, antimilitaristas). Estão em esforços para construírem uma coordenação a nível nacional das várias actividades.

A cena Anarco-Punk da Polónia está viva. Muitos concertos (as bandas que passam pela Alemanha vão quase sempre lá) e muitas bandas. Também muito álcool e muito fumo. Não se pode falar num movimento de ocupação, mas o pessoal já realizou algumas experiências de ocupações em algumas cidades (Varsóvia, Poznan, Wroclaw), em Setembro de 94 resistia uma única ocupação, na cidade de Schiziekin, mas as coisas prometem avançar. Há apenas uma Info-Shop anarquista em todo o país, em Sopot (subúrbio de Gdansk) mas bastantes fanzines, distribuidoras postais, editoras DIY e organizadoras de concertos. Algumas comunidades hippies e zonas rurais ocupadas por alemães e escandinavos complementam a cena.

Bandas

Apatia (H.C.): Zieolona 16/ 34-400 Nowy Targ
Krain (Punk/H.C.): Mariuz Gornicki/ Ul Miedzynaradowa 64-66A, m.158/03-922 Warszawa
Post Regiment (Punk/H.C): Ul Radiowa 9, m 23/01-485 Warszawa

Distribuidoras/Editoras

QQRYQ: P.O. Box 45/02-792 Warzawa 78
Enigmatic: Dworaka 9A-50/41-709 Ruda Slaska 9

Fanzines

Mac Pariadka ("A Mãe da Ordem"):P:O.Box 67/81-806 Sopot 6
Rewolta: P.O.Box 2/ Warzawa 84
3Mailens: Chabrowa 12a/15, 44-200 Rybnik 15

Vários

Info-Shop/ Federação Anarquista **Polnkt B12**: Ul Boh. monte Cassino 29, Sopot
Stow Objector: Ul. Ratajczaka 4, III/ Pozńan
Associação **Movimento**: P.O. Box 2319/ 50-958 Wroclaw
Federação Verde (Ateneu de vários colectivos):Ul. Suzina 6/ Warzawa

Manifestação antimilitarista em Varsóvia (foto por Belin Czechowizc, retirado de Profane Existence)

New Age Travellers

O nomadismo apresenta-se neste fim de século como uma opção de vida com bastante força. Saltimbancos, feirantes, artistas de todos os géneros, curandeiros, etc. tornaram-se nos últimos anos uma contracultura poderosa na Grã Bretanha. Esta entrevista foi feita em Set/Out 94, pelo Mutante Noé a duas Viajantes inglesas que passaram pelo Porto.

Descrevam os Viajantes ("Travellers"). É um movimento? Uma cena? (Como começou? Quantas pessoas? É em toda a Inglaterra?)

Rachel: Eu penso que é diferente para toda a gente, algumas pessoas vão para a estrada por causa das más condições de habitação, mas a maior parte penso que começa nos festivais e encara como uma forma de vida. Há muito pessoal novo que participa durante um ano ou dois e outros que continuam como forma de vida. Tudo começou nos finais dos anos '70, princípios dos anos '80. O pessoal juntava-se em grupos em velhos autocarros, camiões, caravanas e carros, muitos reuniam-se nos círculos de pedra para celebrar e comunicar, durante o ano. As autoridades consideraram isto uma ameaça à ordem e a luta continua até aos dias de hoje. Com o tempo as pessoas separaram-se em diferentes grupos e espalharam-se para vários locais de Inglaterra, Escócia, Gales e Irlanda, o grupo maior desloca-se pelo Sul, onde se deparam as maiores dificuldades com as autoridades.

Loz: Os viajantes são uma comunidade como outra qualquer, são grupos de pessoas a tentar fugir das cidades, todos por razões diferentes. Existe mesmo uma "divisão de classes" relativamente rígida, desde o pessoal das barracas ("bender scum") até ao pessoal mais organizado. Os únicos momentos em que é um movimento é quando toda a gente se junta nos festivais e através dum caos organizado todos se divertem em união pelas mesmas razões, então é um sentimento espectacular, como uma família. Existem aproximadamente 15 mil Viajantes em Inglaterra, em números oficiais, mas também o que é sabem os oficiais? Existem nómadas desde o início dos tempos.

Como é que vocês começaram?

R: Vivi numa ocupação em Londres durante três anos, o meu primeiro festival foi Glastonbury, antes de este se tornar um sucesso pela via comercial, foi por volta de 1985/86. Comprei o meu primeiro camião quando ainda estava a viver na okupa, mas foi o festival que me convenceu. Desde os 17 anos (tenho 28 agora) que viajava a pé, dormindo com plásticos erguidos com paus, a trabalhar em quintas, a tocar nas ruas, a vender artesanato, a comprar e vender todo o tipo de coisas, enfim tudo o que fosse para comer, viver e ser feliz. Sou mais organizada agora (acho que cresci!), tenho um camião e uma roulotte, embora ainda esteja a precisar dum bom forno de lenha para passar o Inverno.

L: Comecei porque o meu tempo de okupa estava a acabar. Como estava relacionada com o pessoal viajante e os festivais, juntei dinheiro suficiente para comprar um ambulância velha e pareceu-me a coisa mais natural de fazer.

Podem descrever uma semana na vossa vida?

R: A minha vida muda todas as semanas, desta maneira não me aborreço. O Inverno é o período mais difícil, os dias são curtos, o que significa montes de velas e lenha, andar um km para cagar, após cavar um buraco enquanto estão temperaturas abaixo de zero, carregar bidões de água através de dois campos, porque o camião parou de trabalhar. No Verão trabalho nas quintas, vou a festivais, embebedo-me, etc.

L: Não posso descrever uma semana na minha vida, é sempre diferente, é por isso que gosto de viajar, nunca se sabe o que vai acontecer a seguir.

Quais as actividades que os viajantes realizam?

R: A vida pessoal já te mantém ocupado o suficiente. Problemas mecânicos, expulsões, fazer dinheiro para comer e beber. Trabalha-se como numa família. A maior parte das pessoas não gosta de nós, sou sempre uma estranha que as pessoas não sabem se podem confiar ou não e isso faz com que nos unamos, se não percebes de problemas eléctricos então cozinhas para alguém, arranjas-lhe haxixe e cerveja até o serviço estar feito ou ajudas em algo que ele/a não saiba fazer. A minha vida mudou muito agora em Portugal, as actividades mudaram porque já não tenho tantas pressões.

L: As actividades mudam de grupo para grupo, muitos trabalham em quintas, outros passam o tempo a beber cerveja e a ficar pedrados, outros fazem dinheiro sendo criativos, com uma banda, etc., também há montes de mecânicos. Depois é a luta contra as autoridades, organizar festivais (que agora são ilegais). É pessoal e diferenciado, como para o resto das pessoas.

Existem diferenças entre os viajantes (como "tribos" e a juventude urbana radical)? Se existem o que mantém o pessoal unido ou separado?

R: Eu acho que a natureza humana é basicamente tribal, odeio a estagnação e por isso é que adoro a minha forma de vida. Quando as coisas estagnam então desloco-me para outro lado, mas vivo individualmente e não pertenço a um grupo. A cena dos viajantes no Reino Unido transformou-se num monte de grupos: "Upper Crusties"; "Tepee Hippies"; etc. Os festivais são importantes para unir todos e juntar ideias. Agora há montes de pessoal que estagnou, numa de "não quero saber de mais nada", na minha opinião o vício da heroína está a destruir a cena. Embora tenha que acrescentar que encontrar haxixe há uns dois anos era quase impossível, os locais antigos desapareciam mas não havia problema em encontrar heroína, nem a polícia se interessava por isto.

L: Há muitas diferenças entre os viajantes e a juventude urbana. É muito difícil ser viajante agora, é ilegal e a perseguição e preconceito são uma grande parte das vidas dos viajantes. É muito mais fácil nas cidades, muitos jovens urbanos vestiram o uniforme de viajantes, mas há uma atitude diferente. Os viajantes são-no para toda a vida, muitos dos jovens urbanos entram na cena e depois voltam para casa, é difícil de explicar.

Quais são os maiores problemas de andar na estrada?

R: As "autoridades" e burocracias, estúpidos pedaços de papel dados por pessoas igualmente estúpidas que tentam impedir-me de viver por causa de alguém que diz que estou errada. As pessoas não se perguntam sobre o que dizem na televisão e o que dizem os políticos, aceitam-no como a verdade... Já fui atacada duas vezes com bombas de petróleo e fica-se muito fodido quando se está a tentar consertar o camião e estão putos de 10 anos a atirarem-te pedras porque o homem da TV diz que és um porco, ladrão e mau. Nas palavras dos Disposable Heroes of Hiphoprisy - "Television, the drug of the nation, breeding ignorance and feeding radiation". Muitas pessoas que vivem em casas também consideram problemas coisas como: não ter água canalizada, ter que cortar lenha e cagar para um buraco. Eu aprecio bastante estas coisas, para mim é uma vida que me faz lembrar o que sou, ser humano e parte da natureza - é tudo muito relativo, claro.

L: Os problemas são muitos, os vigilantes são a maior ameaça, a propaganda criou a violência contra os viajantes num problema enorme. Conheço pessoas que levaram tiros, os seus animais foram mortos, as suas crianças tiradas, os seus veículos tirados pela polícia, que fazem qualquer coisa para parar actividades subversivas. Os viajantes foram descritos por John Major (Primeiro Ministro Inglês -*n.t.*) como "o inimigo público nº1". Depois há os problemas do dia-a-dia, encontrar sítios para viver, a Inglaterra é pequena e está apinhada de gente, encontrar trabalho, manutenção de veículos velhos, encontrar água e lenha. O vício de drogas e alcoolismo é outro grande problema. Ainda a educação de crianças, há uma escola de viajantes bastante boa, mas só pode ensinar poucas. Conseguir cuidados médicos é por vezes muito difícil. A legalização de veículos é também muito

difícil, deixando sempre a ameaça de seres preso e perderes a tua casa—que é a política do governo actualmente.

Quais são as grandes alegrias?

R: Acho que a minha maior alegria é ser verdadeira comigo própria. Sou aberta à mudança e a novas opiniões (se não ouvirmos nunca podemos aprender) e sinto, como viajante, que tenho que usar a mudança para sobreviver. Eu gosto de aprender e viver consciente das estações do ano, do movimento das estrelas. Conhecer pessoas de estilos de vida diferentes mas com as ideias parecidas, portugueses, indianos, alemães, italianos, americanos, irlandeses, brasileiros, temos que comunicar, é a nossa maior força como pessoas no mundo em que vivemos. Eu sou o que sou e sou feliz, essa é minha maior alegria.

L: As maiores alegrias... Cagar num buraco, observar o mundo a passar e aperceber-me que realmente não é preciso todo o lixo e plástico de deitar fora que o resto da sociedade anda a acumular. Encontrar pessoas que conhecemos antigamente, trocar histórias e dizer adeus outra vez, sabendo que se continuarmos a movermo-nos estamos destinados a encontrarmo-nos — o mundo é muito pequeno. Conseguir furar pelo sistema, mesmo que façam tudo para te parar, apercebes-te que tudo é possível se realmente o queres. Nunca acordei de manhã e me arrependi do que faço. Parar de viajar seria como ir para a prisão, se não te estás a mover então não estás vivo, o que posso dizer: Tenta e descobre por ti próprio.

Os viajantes do Reino Unido estão a vir para a Europa continental?

R: Bem, eu e a Loz estamos aqui e sei doutros amigos que viajam para fora do Reino Unido. Pessoalmente não conheço muitos viajantes na área do Porto. Se alguém tiver alguma informação ou contactos para ideias futuras será bom saber. (*bem, nesta altura elas já estão longe daqui -n.t.*).

L: Sim, mas é muito difícil de o conseguir, só manter o teu veículo e a tua pessoa intactos já é bastante difícil, sair para a Europa é um passo muito grande. Temos que nos manter juntos, nós viemos para aqui com outra companheira, mas ela teve que voltar porque não se tinha empenhado o suficiente para vir. É uma continuação do que fizemos anteriormente, já fiz quase toda a Inglaterra, era natural vir para a Europa, montes de pessoal estão por aqui vindos do Reino Unido. Temos montes de amigos na Holanda e em outros lugares, acho que mais pessoas virão no futuro.

Falem das novas leis em Inglaterra.

R: Merda.

L: As coisas ainda estão um pouco no ar neste momento, as leis tornaram as viagens em veículos totalmente ilegais, houve ainda há pouco tempo um grande protesto em Londres. As pessoas que não são viajantes aperceberam-se que também as afectava, mas infelizmente foi tarde de mais. Se as pessoas não lutarem com força contra estas leis, a cultura viajante morrerá. Eles pararam quase totalmente os festivais. Isto é uma violação dos direitos de liberdade, torna a Inglaterra um estado policial. Está tudo empacotado, o nosso governo impõe regras a tudo. Os cidadãos são apáticos demais e aceitam-no — nós não. Leis como estas fizeram-se pelos séculos fora e não só em Inglaterra. Se não te conformares sofres, os governos não podem controlar a vida das pessoas se elas não vivem em caixas e não encaixam nas regras devidas. Isto é uma ameaça real para o sistema. Só tens uma vida, vais deixar que um bando de idiotas de gravatas te digam como a deves viver? Há uma frase que gosto muito: "Prefiro morrer de pé a viver ajoelhada"!.

Qual acham que vai ser o futuro dos viajantes?

R: Está sempre tudo a mudar. A vida é o que fazes dela. A capacidade de mudança, o uso do cérebro para combater as leis e burocracia é um trabalho a tempo inteiro, mas não é impossível. O futuro dos viajantes e da sua cultura é um livro aberto. Aprendi uma coisa, no entanto, estar sentada numa mesa a beber e falar é bom para o moral mas acção é o que é preciso. Quando tiver 50 espero que existam pessoas novas envolvidas e por essa razão continuo a lutar agora, para inspirar/informar. Acima de tudo sem magoar ninguém, para mostrar que podes ser verdadeiro contigo próprio e que é possível romper as caixas de tijolos tanto física como mentalmente.

L: O futuro dos viajantes depende de cada indivíduo, se montes de indivíduos continuarem a viajar, o futuro para mim será melhor, é pedregoso neste momento mas estou certa que vai continuar e tornar-se cada vez mais positivo. Há muitas crianças que cresceram na estrada, elas não vão desistir de tudo o que aprenderam, os viajantes como são agora terão de se adaptar um pouco, eu sei que tive de mudar. O mais difícil torna-se o melhor depois de aprender.

O que acham de Portugal? Acham que tal vida alternativa é possível aqui?

R: Adoro Portugal, especialmente o Porto onde estou contente por ficar um pouco de tempo. Parece existir muita energia por aqui. O sistema não está seguro para combater o surgimento de viajantes, assim as possibilidades aqui são promissoras. De qualquer maneira melhores que em Inglaterra.

L: Uma vida alternativa é possível em qualquer lado — O que é alternativo de qualquer maneira? As pessoas aqui têm sido abertas, comunicativas e extremamente generosas, há realmente uma boa atmosfera. Montes de entusiasmo por novas coisas, possivelmente serviremos para alguma inspiração.

Uma mensagem para alguém que quer começar a viajar...

Rachel e Loz: É importante dizer que não é fácil. Não é um jogo, é uma forma de vida, as pessoas que a usam como um meio de ficar "fora" por uns tempos fodem tudo a pessoas como nós, que ficam após a confusão e a imprensa já ter ido lá para contar mais uma notícia sobre os podres dos viajantes. Se acreditares em ti e naquilo em que pensas, se estás consciente do lixo que é a cultura de televisão e a sociedade materialista, se amas a natureza mas interessas-te pela realidade e não numa de hippie estúpido, então terás boas hipóteses de sobreviver. Ser Viajante é a primeira coisa das nossas vidas, tudo o resto encaixa à volta. Claro que isto é o ponto de vista de duas pessoas, somos todos diferentes e tudo é possível...

> "Todos os anos os intrusos brancos se tornam mais gananciosos, exigentes e opressivos...não estamos a ser roubados dia a dia do pouco que ainda resta da nossa anciã liberdade?...A não ser que todas as tribos unanimamente se combinem para parar a ambição e avareza dos brancos, eles depressa nos conquistarão e dividirão. Seremos afastados das nossas terras nativas e varridos como as folhas de outono antes do vento"
>
> Tecmunseh, Chefe Shawnee
> num discurso em 1812

UMA OKUPAÇÃO EM EUSKADI

A rede europeia de centros sociais ocupados é grande, mas este é um momento de grande repressão e desencanto no movimento. Em Inglaterra, Alemanha e Holanda cujo auge mais recente é situado por volta de 1989/90, a União Europeia e os seus tratados de acordo policial (Shengen e Trevi) parecem estar a dar os seus frutos e a "limpeza" das cidades é uma realidade incontestável, as okupações estão em perigo. Em Porto e Lisboa já se viveram algumas experiências e a coisa parece estar para continuar (pelo menos em Lisboa), há que aproveitar a pouca eficácia do aparelho judicial-policial português (ver as recentes cagadas do SIS) e o facto da opinião pública e imprensa estarem a dar uma atenção de apoio ao movimento. Para contar a história do movimento, nada melhor que os seus intervenientes. De seguida apresentamos uma entrevista com a okupa "Buenavista" de Donostia (ou San Sebastian), Euskadi (região Basca). Entrevista realizada em Maio de 94 por Mutante Noé.

Podem-me contar a história da vossa ocupação (tempo de existência, o princípio, etc.)

Buenavista é um edifício que antes era uma escola pública. Nos finais dos anos 70 foi abandonado e declarado em ruínas. Em 1980 um grupo de teatro ("Lainoa") entrou na casa e começou a utilizar parte das instalações. Como havia falta de locais de ensaio em Donostia, vários grupos de Rock começaram a utilizar outras partes da casa e a trabalhar neles. Foi em 1987 que entraram mais grupos, já existindo uma sala de concertos. Começaram aqui os problemas com a Câmara Municipal. Na actualidade existem 9 salas de ensaio, onde tocam mais de 20 bandas. Também existem outras actividades. No total participam mais de 100 pessoas.

Descrevam o modo com estão organizados.

Buenavista funciona autonomamente. São vários espaços compartilhados por vários grupos e espaços comuns a todos: o escritório; locais de ócio com vídeo e actividades para passar o tempo, etc. Cada grupo se encarrega do seu espaço, existem assembleias gerais para tomar decisões em conjunto. A organização é assembleária. Também convém referir que há pessoas que trabalham mais que as outras. Alguns limitam-se a ensaiar com a sua banda, outros já se movimentam com a imprensa, a Câmara, os vizinhos, etc.

Quais são os projectos de uso da okupa, agora e no futuro?

O futuro da casa é seguir até que a Câmara decida destruir a casa, então teremos que exigir outra. De momento é continuar ensaiando, organizar concertos, surgir mais pessoas e grupos. Há outros projectos: laboratório de fotografia; estúdio de gravação (8 pistas); distribuidora de material alternativo; sala de vídeo-videoteca.

Para vocês, quais são as bases para uma ocupação ter sucesso?

O primeiro é acreditar no que se faz. Fazê-lo com vontade. Trabalhar muito. É duro mas no final o resultado vale a pena por que te permitiu realizar uma quantidade de acontecimentos.

Que problemas tiveram, ou que têm na vossa ocupação?

Sempre tivemos muitos problemas. Problemas económicos, de marginalização e de desencanto. O maior problema foi quando deixaram a casa em ruínas em 89. Chegaram operários municipais que destruíram e roubaram tudo o que encontraram no seu caminho. Em mês e meio recuperamos a sala de concertos e assim pudemos arranjar meios para subsistir. Quando organizámos um concerto com Soziedad Alkoholika veio tanta gente que não cabiam na sala, tivemos problemas com os vizinhos e a Câmara proibiu-nos de realizar concertos. Agora cederam-nos uma sala: "Mogambe".

Tiveram apoio exterior (vizinhos, população em geral, media, outras ocupações,...)?

Os vizinhos nunca nos apoiaram muito. Os que mais apoiaram foram outros colectivos como Gaztetxes (Centros Sociais), casas ocupadas, imprensa, fanzines, etc.

Podem descrever em poucas palavras o actual momento do movimento de ocupação na vossa cidade, região e país?

Está de *puta madre*. Nesta zona existem montes de ocupações. Por um lado há gaztetxes, que são casas ocupadas por jovens para realizar actividades (concertos, cinema, etc.), antes haviam mais mas as Câmaras foram-nos encerrando. Por outro lado há casas onde só vive pessoal. Há muitas, mas deveria haver muitas mais. Algumas ocupações têm mais de 5 anos. O pessoal cada vez se movimenta mais. Aqui há muita gente desempregada que não pode alugar um apartamento. Além disso, nas casas organizam pequenas oficinas (pão, arranjo de bicicletas, etc.). O mal é a repressão policial que há por aqui em Euskadi. Há polícias de todas as classes, cores e feitios. Contudo, o movimento está em crescimento.

FUGAZI

Quando no inicio do Verão de 94 enviei a entrevista para os FUGAZI, nunca julguei que alguma vez viesse a cair nas mãos de Ian McKaye. O facto é que mandei a mesma entrevista para Londres, para a Southern Studios (representante da Dischord Records na Europa), e de lá recebi uma resposta positiva, indicando que eles já haviam telefonado para Washington, e que o Ian já se predispusera a responder. Até aqui foi uma alegria, mas o raio da entrevista nunca mais chegava. Um dia, vagueando pelas auto-estradas electrónicas (na rede Internet), descobri o endereço de correio electrónico da Dischord, para onde enviei de imediato um SOS pedindo que me fossem enviadas as respostas à entrevista. Nem três dias demorou, para que Ian McKaye me enviasse por correio electrónico para a minha conta na Internet, as respostas à entrevista que se segue. Agora tirem as vossas conclusões...

CRACK! (Luís Moreno): Quando alguém ouve falar sobre violência nas ruas dos EUA, associa-a imediatamente a cidades como LA, NYC ou Chicago. Mas Washington DC não é muito melhor, pois não?

FUGAZI (Ian McKaye): Durante os últimos 6 ou 7 anos, Washington teve uma das taxas de assassínios mais elevadas no país. Eu penso que durante um ano atingiram-se os 500 assassinatos (numa cidade de 600 000 pessoas). Muitos destes assassínios vitimaram jovens negros envolvidos no mercado extremamente competitivo da droga. São vitimas de guerras territoriais, mas ao mesmo tempo, o produto de um género de cultura de armas, que os EUA têm cultivado. Eu nasci e fui criado aqui, e por isso não acho que é um sitio perigoso para viver ou passear, mas certamente esse facto ajuda-me a saber de que vizinhanças me devo afastar.

Como é o movimento de ocupação de casas abandonadas (Squatting) em Washington?

Não existente, tal como em todo o país. Nos Estados Unidos "Squatting" é considerado invasão de propriedade e a policia é então rápida a retirar os invasores da propriedade alheia.

Desde que vocês começaram como Fugazi, qual tem sido a reacção das pessoas à vossa atitude?

Algumas gostam outras não. Eu penso que é apenas uma questão de gosto. Eu certamente não considero a nossa música algo que as pessoas devam gostar. Eu nunca gostaria de ser forçado a ouvir uma banda.

Quando uma banda como a vossa se torna tão popular, as pessoas têm a tendência de comprar *T-Shirts* e toda essa merda mercantil. Existem também discos piratas dos Fugazi a preços muito altos. O que eu quero dizer é que se as pessoas gostam da banda e se identificam com a atitude e com as vossas posições, mas se as pessoas que gostam da vossa música e por isso entram neste jogo mercantilista (no álbum *Repeater* existe inclusive, um tema sobre isto!) dão dinheiro a estes sanguessugas, então para onde é que vai a atitude?

Eu penso que a grande maioria das pessoas que compram *T-Shirts*, discos piratas, e todo o merchandising, não sabem que os FUGAZI não autorizam nada disto. Estas pessoas devem pensar que se trata de uma forma de ajudar a banda, e até certo ponto estão certas. Usar uma *T-Shirt* com o nosso nome é uma forma de apoio... mas não de apoio económico. O dinheiro infelizmente vai para aquelas pessoas gananciosas que exploram o nosso nome. É um problema, mas considerando o resto do mundo, é um mal menor.

(continua na pag.13)

ZENI GEVA

A *Alternative Tentacles* lançou em Janeiro de 1994 o 3º CD desta banda japonesa, que em traços largos testa de uma forma brutal se nós realmente estamos preparados para defrontar as realidades mais podres da natureza humana. A tradição de KK NULL no experimentalismo sonoro é notória, traduzindo-se em ciclos agonizantes e minimais que são acentuados pela incrível combinação de somente 3 instrumentistas: 2 guitarristas e um baterista; KK NULL(voz e guitarra), TABATA (Guitarra) e EITO (bateria). *Desire for Agony* é um álbum que se afasta dos anteriores por incidir mais concretamente em feridas que os discos antecedentes se preocupavam em abrir. A *filosofia* de KK NULL é aproximada à de projectos como SKINNY PUPPY (embora musicalmente diferentes), em que se prima pela procura da essência humana quando confrontada com situações limite.
As perguntas que se seguem foram feitas pelo Luís Moreno a KK NULL.

Quando é que a banda começou, e como é que era o vosso som nessa altura?
Antes de eu iniciar com os ZENIGEVA, estive a tocar em vários formatos: NULL (a solo, com improvisações de guitarra), A.N.P. (trio de rock improvisado) e YBO (música composta/decomposta). Então decidi misturar estes três elementos diferentes num só estilo, e criar uma música com uma construção mais forte. Foi por isso que em 1987 iniciei os ZENIGEVA. Infelizmente os músicos com que trabalhei nos primeiros três anos, não eram bons o suficiente para tocar este tipo de música. Foi então quando o EITO (bat.) entrou para a banda em 1990, depois de em 1988 já ter entrado o TABATA (Guit.), que fomos para os EUA pela primeira vez, para gravar o CD "Total Castration".
Fala-nos um pouco das bandas *underground* aí no Japão?
Eu estou à frente de uma pequena editora independente chamada "Nux Organization", e recentemente produzi algumas novas bandas japonesas nos seus álbuns de estreia. Um deles é dos SPACE STREAKINGS, "Hatsu-Koi"; o som deles é algo como "cyber techno-hardcore" com textos humorísticos em Japonês. O segundo álbum deles "NANATOKU-BEAT" foi produzido pelo Steve Albini e foi lançado em setembro de 94 pela SKIN GRFAT RECORDS & COMICS de Chicago. Outro dos álbuns estreia que produzi, foi dos MELT-BANANA, "SPEAK, SQUEAK, CREAK"; eles tocam um hardcore complicado muito rápido e intenso. Penso que estas são as duas melhores das novas bandas Japonesas.
No meu primeiro contacto com os vossos temas, não pude evitar detectar um género de influência oriental na estrutura musical (se assim lhe pudermos chamar). Pensas que a música urbana pode ou deve procurar a música tradicional da zona de origem da banda em causa (ou de outra zona qualquer), a fim de alargar o seu espectro musical? Estou-me a lembrar agora de algumas bandas punk da Europa de leste, tal como os TROTTEL *(ver Crack!#2)* que misturam de uma forma interessante o seu folclore musical com a música urbana, que é neste caso o punkrock, criando algo muito expansivo sem que se perca uma identidade própria. O que é que pensas disto?
Isso é interessante. Podes-me explicar como é que descobriste e o que é "influência da estrutura da musical oriental"? Estou curioso para saber o que é? De facto eu adoro ouvir música "tradicional" especialmente o folclore europeu, e estou sempre interessado em bandas que tentam criar algo de novo através da música tradicional, tais como STEELEYE SPAN (Espanha), VARTTINA (Finlândia), HEDNINGARNA (Suécia), KOLINDA (Hungria) e por aí fora.
De que é que tratam as vossas letras, uma vez que nas capas dos discos, as letras vêm em japonês?

Estou mesmo surpreso que tanta gente queira saber o conteúdo das minhas letras e reclamam por não termos feito uma tradução para Inglês. Na Europa em todas as entrevistas sempre me perguntavam sobre as letras, o que é muito agradável, tendo em conta que no Japão ninguém liga. Aparte isto, eu penso nas minhas letras como algo de muito pessoal, e privado. Quando eu escrevo sobre algumas visões apocalípticas, esse é apenas o meu pensamento, visão e sentimento. Eu não gosto de ser um portador de mensagens, ou slogans, eu não desejo controlar as pessoas através das minhas palavras. Bem, contudo vou tentar explicar as letras de dois dos temas:.. "STIGMA" - Eu penso em nós (Humanidade) como existências incompletas e temos estado a tentar desenvolvermo-nos, mas nós apenas repetimos sempre os mesmos erros, parecendo que estamos presos num circulo fechado. Este tema é um grito no sentido de fugir a este destino. "DESIRE FOR AGONY" - Todos nós somos criados e influenciados por nação, sociedade, educação, política, televisão, radio, jornais, etc., e no fundo não conseguimos saber qual é a nossa identidade, qual é o nosso verdadeiro EU e essência. Eu ando na busca da minha verdadeira essência desejando novo corpo e mente, mas torna-se difícil e doloroso. Mesmo assim eu prefiro continuar este caminho doloroso.
Porque é que escolheste eliminar a guitarra baixo e em vez disso pôr duas guitarras e uma bateria? Devo dizer que é uma

combinação do caralho!

Apenas porque eu queria fazer sozinho ambos os sons de guitarra e baixo, o que resultou numa das razões pelas quais os ZENI GEVA fazem um som original. Mas não foi nada pensado, apenas surgiu naturalmente.

Qual é a vossa visão política da sociedade ocidental?

Esta é a pergunta mais difícil. Eu ainda não me familiarizei com a sociedade europeia. De Agosto até Outubro (de 1994)os ZENI GEVA deram 40 concertos em países como: Dinamarca, Suécia, Finlândia, Alemanha, Holanda, França, Itália, Áustria, Suíça e Inglaterra, por isso agora começamos a conhecer um pouco melhor a Europa e a sua sociedade. Sobre os EUA, talvez eu possa dizer algo da minha experiência. Kanagawa, o concelho onde eu vivo há mais de vinte anos, tem muitas bases americanas. Desde que eu era pequeno que eu me interrogava, porque é que haviam tantos americanos por aqui, e afinal isto é o Japão? O Japão é uma nação independente? Eu sei que o Japão perdeu a 2ª Guerra Mundial e que os meus avós foram mortos na guerra... Bem, penso que o meu pobre Inglês não é bom o suficiente para falar sobre este assunto muito pesado, desculpa mas eu não consigo continuar mais...

Como é que surgiu a oportunidade de gravarem pela Alternative Tentacles, e de terem o Steve Albini na produção?

Quando eu toquei a solo pela primeira vez em San Francisco (SF) em 1990, o Jello Biafra veio ver-me. E depois disso, sempre que os ZENI GEVA tocavam em SF, ele vinha ver-nos e fomos ficando cada vez mais conhecidos, e no verão de 1992 ele ofereceu-nos gravar um álbum pela Alternative Tentacles. Quanto ao Steve... A Editora PUBLIC BATH organizou a gravação com o Steve Albini, e conhecemo-nos pela primeira vez na sua casa em Chicago, quando gravamos o álbum "TOTAL CASTRATION".

Assinariam para alguma editora multinacional (*major*) se alguma mostrasse interesse em vocês? Qual é a vossa opinião sobre as *majors*?

Basicamente eu já vivo e toco música independentemente, há mais de 10 anos, e nunca pensei que a minha música fosse 'menor' ou 'underground'. Eu gosto é de prosseguir o meu caminho de forma independente. Não tenho nenhum interesse nas chamadas 'majors'.

Conheces alguma coisa de Portugal?

Desculpem-me mas tudo o que eu sei de Portugal, é que foram os primeiros a trazer armas para o Japão e um bolo chamado Kastera. Outra das coisas que conheço de Portugal é o Fado.

Muito obrigado pela entrevista. Deixem-nos as últimas palavras.

Eu não conheço de todo a cena musical em Portugal, mas se as pessoas estiverem interessadas em ver os ZENIGEVA ao vivo, e se alguém puder organizar, nós teremos todo o prazer em tocar aí. Felicidades.

ARIGATO Kazuyuki !!

(continuação da pag.11)

O que é que vocês pensam sobre toda esta merda de Nova Ordem Mundial (New World Order) onde os EUA e os seus aliados (a maior parte aliados à força), são vistos como uma espécie de polícia mundial? O que é que se pode fazer contra este estado de coisas?

Eu não dou nenhuma importância aos slogans dos políticos tais como "New World Order". Os exércitos de virtualmente todos os cantos do mundo, têm sempre usado a violência como meio de impor os propósitos do seu governo (ou ainda pior, impor os seus próprios propósitos). Eu certamente não penso que este se trate de um comportamento exclusivamente americano, este país é apenas mais um, numa longa linha de brutamontes. Eu não acredito que muito possa ser feito para pôr um fim a este estado de coisas, por isso eu tento pôr toda a minha energia e esforço direccionadas a campos sobre os quais eu penso que irei ter algum efeito.

Uma vez que o Rap nasceu nos EUA, o que é que pensam dos vários caminhos que o Rap tem tomado, especialmente a via mais interessante, aquela que faz do Rap um canal de contestação. Refiro-me a uma espécie de 'Hard Rap'.

Na grande maioria dos casos, o chamado Hard Rap' não passa de uma pose, algo que vende discos. Eu entendo o quanto possa apelar às pessoas, em alguns níveis também me toca, mas o que é que há de construtivo num milhão de músicas sobre matar pessoas? É infeliz, mas é verdade que o "gangster-rap" está muito agarrado à cultura de armas de que falei à pouco. Não há nada de interessante em andar aos tiros às pessoas.

Já alguma vez pensaram em tocar em Portugal? Se sim, digam-nos que a gente trata da coisa.

Nós tentamos tocar em Portugal, a última vez que estivemos na Europa (1992), mas não foi possível pois não foram tomadas as medidas necessárias. Nós pensamos em voltar à Europa no inicio de 1995 e desta vez chegar a tocar em Portugal. (ver pag.2 - *n.e.*)

Queria agradecer a disponibilidade e desejar tudo de melhor1 à carreira dos Fugazi.

F: Obrigado pela entrevista e especialmente pela paciência.

Os Fugazi surgiram em 1988, a partir das cinzas da famosa banda hardcore MINOR THREAT, impondo uma nova forma de tocar Punk-rock. Aqui fica a discografia, toda editada pela Dischord Records (3819 Beecher St.NW/ Washington/ DC 20007/ USA) e distribuída na Europa pela Southern Studios:

7 Songs - MiniLP, 1988
Song nº1 - 7" , 1989
Margin Walker - MiniLP, 1989
13 Songs - CD, 1989 (os dois mLP anteriores)
Repeater - LP/CD , 1990
Steady Diet of Nothing - LP/CD , 1991
In On the Killtaker - LP/CD , 1993
Red Medecin - LP/CD, 1995

NEUROSIS

A carne negra, os olhos em fogo, e a Entrevista.

Falar dos Neurosis é falar de uma banda que para além de uma mestria invulgar no manuseamento de todos os instrumentos que escolhem, representam uma visão assustadoramente metafórica do estado que a Humanidade atingiu, nomeadamente no que toca aos mecanismos de Poder, cada vez mais manipuladores; e no respeitante à perda total da consciência humana, através de alienações que causam cada vez mais dependência. Ao vivo eles recorrem às tecnologias multimedia para criarem algo único, e que transporta cada um para a visão que referi. A música desta banda de São Francisco, espalhada por 4 albuns, faz-nos acordar desta alienação geral, mas aquilo que os nossos olhos vislumbram é feio demais para aguentarmos. Os temas são complexos e geniais o suficiente para aguentarmos, pelo menos o tempo suficiente para descobrirmos que não somos nada vezes nada. Acham que estou a divagar? Então acordem! As perguntas foram feitas e traduzidas pelo Luís Moreno.
Esta entrevista é dedicada à memória do Artur Faster. *We miss you.*

Dá-nos uma curta visão das origens da banda.
NEUROSIS (Scott Kelly - Guitarra/Voz/Percussão): Nós começamos no inverno de 1985. Formamos a banda a partir de um pensamento. Necessitávamos na altura de uma plataforma para expandirmos as nossas emoções. O Jason (Bateria/Percussão), o Dave (Baixo/Voz) e eu formamos esta banda porque tratava-se de uma necessidade, caso contrário enlouquecíamos.
Quando a banda começou vocês tinham ideia na altura de que alguma vez iriam fazer algo como "CLEANSE" (um tema de 25 min. de percussão - *ver secção Reviews*) ?
Sim, claro. Nós em 1985 já havíamos visualizado a banda tal qual ela é hoje, contudo éramos muito novos e estúpidos para o fazer acontecer na altura. A nossa banda tem tido uma evolução natural, uma extensão das nossas mentes em expansão.
Qual é a principal mensagem que vocês tentam passar através da vossa música e textos?
Que tudo é nada. Somos todos um monte de merda cósmica e a Terra irá punir-nos a todos em breve...nós merecemos.
(Esta pergunta já se tornou num cliché, mas que se foda, aqui vai) Como é que surgiu a oportunidade de gravarem através da Alternative Tentacles (AT)?
Quando fomos convidados a editar a nossa música através da AT, nós aceitamos, porque é uma espécie de honra estar nesta editora. É um género de sonho para nós, pois todas as grandes bandas que nós crescemos a ouvir, eram da AT. Mas acima de tudo isso, eles são honestos e muito esforçados, tal como nós.
Como é que vês a realidade social dos EUA? Será que o Sonho Americano ("American Dream") alguma vez existiu?
Esta é uma resposta muito difícil de dar. Os nossos textos e música explicam-no melhor. Contudo digo que a América é o "Satanás" do mundo. Nós (os Americanos) somos um monte de almas deslocadas que lutam para encontrar as suas origens. A violência na nossa sociedade é incrível em 1994. As crianças matam-se umas às outras todos os dias devido às drogas; Oakland (a nossa cidade de origem) está a tornar-se muito hostil a nível racial. Eu penso que o Sonho Americano é "Vive rápido e morre cedo" (Live fast die young). É muito difícil para mim dizer-te tudo o que sinto sobre isto. A América confunde as pessoas.
Uma vez que já tocaram de ambos os lados do Atlântico, quais são para vocês as principais diferenças entre os concertos na Europa e na América, no que toca a público, organização, etc...?
É bem diferente. A cena europeia é muito melhor organizada. Nós já andamos em *tournée* pelos EUA cinco vezes e torna-se mesmo muito difícil (escassez de dinheiro, 10 a 12 horas de condução por dia,...). O público aqui é em menor numero e muito mais violento. É muito mais difícil uma banda sobreviver por aqui (EUA), pois as bandas *underground* simplesmente não têm acesso a dinheiro. Ou tu te tornas muito popular, ou então *undergound* mas com muito pouco espaço no meio (já ocupado pelos Jesus Lizard, Fugazi, ...).
Existe algum membro dos NEUROSIS com projectos paralelos?
Nós temos alguns a aparecer. Há os THE TRIBES OF NEUROT que irá trazer muitos aspectos diferentes à nossa visão multimedia. Irá incluir muito mais música (noise) assim como filme e literatura impressa (livros). Neste momento estamos a trabalhar nisto tudo, mas também estamos a escrever cerca de duas horas de novo material dos NEUROSIS. O Steve está noutra banda chamada AMBER ASYLUM (*ele refere-se a Steve Von Till, Guitarra/Voz/Percurssão nos NEUROSIS - L.M.*), banda essa que é Folk, onde está também Cris Force, a mulher que tocou violino nos nossos álbuns "Souls at Zero" (*ver reviews do CRACK!#2 - L.M.*) e no "Enemy of The Sun".

Qual pensas que é o papel dos fanzines *underground* politico-musicais?
O vosso papel é que vocês fazem-nos. A ideia, penso eu, é comunicar, e também servir como um meio de várias pessoas (escritores, bandas) expressarem a suas ideias, que são consideradas muito extremas para todas as pessoas de mente fraca e obtusa.
Muito obrigado por responderes às nossas perguntas, para finalizar deixa algumas palavras...
Obrigado Luís. Espero conhecer-te pessoalmente quando nós um dia formos a Portugal (nós iremos).

Quase todos os discos dos Neurosis estão editados pela Lookout (P.O.Box 11374/ Berkeley/ CA 94712/ USA) e pela Alternative Tentacles (64 Mountgrove Road/ London N5 2LT/ England). Eles são:

"Pain of Mind" (1987 Active Minds, re-editado em 1994 pela AT)
"Word as Law" (1990, Lookout)
"Souls At Zero" (1992, AT)
"Enemy of the Sun" (1993, AT)

FANZINES

O ESTADO DA CENA

O Crack! não é a única publicação dentro do género a que se resolveu chamar *fanzines* ou, simplesmente, *zines*. É sim uma das muitas que têm aparecido em Portugal desde meados dos anos 80. Foi com o objectivo de conhecer os diversos fanzines anarco-punk que se editam actualmente nesta região e de, assim, contribuir para o alargamento deste movimento que surgiu a ideia da seguinte entrevista colectiva.
Se bem que já tenham existido e existam milhares de fanzines por todo o mundo, muitas vezes é suficiente apenas a leitura casual de apenas um para impulsionar o leitor a criar, ele próprio, o seu. As condições técnicas para a sua execução e a juventude da maioria dos seus editores têm uma influência notória no resultado. Caracterizados geralmente por um arranjo gráfico artesanal, uma escrita ingénua e sem grandes formalismos, o que ressalta de mais positivo, todavia, nos fanzines é a forte vontade neles expressa em comunicar ideias e revolta e, através destas, influenciar outras pessoas. Objectivos dignos de apreço mas que — há que reconhecê-lo — ficam normalmente aquém das aspirações dos seus editores. As razões deste aparente fracasso são de natureza diversa mas importa, mesmo assim, mencionar algumas. Estão, à partida, relacionadas com os custos de produção que levam a que os fanzines sejam proporcionalmente mais caros que as publicações comerciais — isto influi decisivamente na sua venda —, e com a escassez de canais de distribuição através dos quais possam ser facilmente divulgados. Estes obstáculos poderiam bem ser em grande parte superados se houvesse um maior empenho dos editores: há fanzines cujos custos de produção poderiam ser reduzidos para metade caso fossem impressos nos locais adequados; assim como a **divulgação** seria muito melhorada através do estabelecimento de mais contactos com potenciais distribuidores, produção de *flyers* de melhor qualidade e aproveitando as "brechas" que alguma imprensa burguesa abre à divulgação de fanzines. Não ajuda nada cultivar preconceitos contra esta imprensa — ela existe e isso é uma realidade, importa é utilizá-la em nosso proveito. Também pouco ajudam algumas soluções "fáceis": escrever, por exemplo, fanzines em inglês que depois conseguem vender muito no estrangeiro não é difícil; o difícil é criar e fortalecer uma rede de contactos dentro do próprio país, procurando cada mais novos leitores em vez de escrever apenas para os já "convertidos". No plano técnico é de referir a pobreza gráfica. Mesmo não dispondo de um computador para ajudar na composição das páginas, seria possível melhorar grandemente o aspecto da maioria dos fanzines — para isso bastaria um cuidado maior com a **forma**. Compreendam que, a não ser que seja grande o interesse do leitor, a maioria não está para se esforçar a ler um zine com páginas que parecem todas iguais umas às outras, com um texto escrito em caracteres minúsculos e ainda por cima tão mal impressos que algumas partes se tornam ilegíveis! Em relação ao **conteúdo**, para além da já referida e desculpável ingenuidade, podem-se apontar outros problemas tais como: excessiva concentração num determinado tema — por mais importantes que sejam alguns assuntos como, por exemplo, direitos dos animais ou "libertação" da mulher, é necessário enquadrar estas questões e estas lutas numa perspectiva mais global, uma que seja verdadeiramente revolucionária e não meramente reformista; excesso de cobertura musical — até o *Crack!* não escapa a isto, todavia ainda não estamos tão mal como alguns países onde abundam os zines exclusivamente musicais; por último, e talvez o mais importante, a *insuficiência teórica*. Ou seja, o que se passa é que alguns editores expõem certas ideias de uma forma que parece levar a pensar que "descobriram a pólvora" quando, na verdade, são ideias antigas (algumas com mais de um século) que já foram abordadas de uma forma melhor e que, caso eles tivessem lido um pouco mais sobre o assunto, talvez pudessem expô-las de uma outra forma, evitando o uso de tantos *clichés*. Assistimos, assim, a uma constante "partida do zero" na qual as novas gerações não se empenhando em conhecer todo um passado de lutas e ideias revolucionárias acabam por repetir as mesmas coisas (de maneira pior, normalmente) e cometer os mesmos erros. Não há desculpa para isso, os livros estão aí ao vosso dispor: leiam-nos, discutam-nos, divulgem-nos.
Finalizando, saliente-se que não se pretende com estas palavras desmotivar quem quer seja de iniciar ou continuar a edição de um fanzine. Ainda que subsistam todas estas deficiências, tem-se notado um aumento do número e da qualidade dos fanzines portugueses. Não podemos é estagnar. É importante que compreendamos que podemos fazer mais e melhor com os meios que dispomos. Podemos até não ter jeito para escrever, mas isso não significa que não possamos editar um fanzine. Se formos organizados e se tivermos a vontade e a dedicação necessárias podemos compilar informação, obter colaborações de outras pessoas e acabar por realizar um bom trabalho.
Como diz aquela música dos SPERMBIRDS: "And that's the best thing about Punk-Rock, everyone can get on the stage".

NATURANIMAL

Este foi o primeiro zine português a dedicar a maior parte do seu conteúdo à defesa dos direitos dos animais. Elementos deste zine participam, também, na MULIBU, uma publicação dedicada à defesa dos direitos da mulher e que pode ser obtida através da mesma morada. A Susana respondeu à entrevista.

Naturanimal
Apartado 40
2801 Almada Codex

Que tipo de fanzine é o *Naturanimal*?
O Naturanimal é um fanzine de carácter informativo, tendo como temas principais a Libertação Animal, a defesa da Terra-Mãe e dos Povos Indígenas. Dá-se, neste zine, bastante destaque ao vegetarianismo/ veganismo, como forma directa de "ir contra a corrente", ou seja, de recusar participar na destruição do Planeta e na exploração de animais.
Quem são e qual é a média de idades dos editores?
Todos os números que saíram foram elaborados apenas por mim, Susana, com a colaboração de algumas outras pessoas. Depois do último número, o Naturanimal passou a colectivo, com o objectivo de desenvolver algumas actividades para além do zine. Assim, neste momento, o Naturanimal é constituído por 6 pessoas, 3 raparigas e 3 rapazes com uma média de idades de 19 anos.
Quando é que saiu o primeiro número e quantos saíram até hoje?
O primeiro número do Naturanimal saiu no início de 1992 e, até hoje, foram editados apenas 4 números.
Quantos exemplares se venderam do último número e em que zonas geográficas foram distribuídos?
Não tenho a certeza de quantos exemplares foram já vendidos, pois vamos fazendo pequenas tiragens, conforme os pedidos. penso que foram vendidas aproximadamente 100 cópias, talvez mais. Em termos de zonas geográficas, a maior parte foi vendida na área da grande Lisboa e subúrbios, seguindo-se o Porto. Muitos exemplares foram enviados para vários pontos do país e um pequeno número para Espanha e Brasil.
Qual foi o primeiro fanzine que leste e em que medida ele contribuiu para despoletar o teu interesse pelo movimento anarco-punk?
O primeiro fanzine que li, acho que foi o "Campo de Concentração" ou o "Lixo Anarquista" ou o "Anarquia no WC"; é claro que me despertou a atenção para o movimento anarco-punk, fornecendo contactos e ideias, que depois procurei aprofundar. Também me incentivaram a fazer fanzines, que até hoje são um dos produtos que mais aprecio na cena alternativa, pois constituem um meio de informação muito livre e saudável!!
O que é que vos motivou a editar um zine?
O que mais me motivou a fazer o Naturanimal foi a necessidade e a vontade de "pôr para fora" algumas coisas que me preocupavam, e preocupam, no mundo actual. Foi como uma forma de dizer que os constantes ataques à Natureza, animais e indígenas não me passam ao lado. Existem questões que me preocupam muito e, não tendo hipótese de fazer coisas mais eficazes, divulgo-as, procurando que as outras pessoas não fiquem indiferentes a elas. E pelo menos isso o Naturanimal conseguiu, pois há cada vez mais pessoas interessadas a fazerem coisas, a passarem informação a outras e a deixarem de comer animais, o que é realmente bom!
Perspectivas de futuro. Pretendes prosseguir editando?
Como já disse, depois do 4º número, o Naturanimal passou a colectivo e foram feitas algumas acções de protesto e divulgação. Este é agora o nosso principal objectivo: espalhar o máximo de informação e protestar publicamente contra certos problemas. No momento, não pensamos editar outro número, pois estamos absorvidas/os em outras coisas, mas é provável que mais cedo ou mais tarde saia o nº5, até porque o zine tem tido uma ótima aceitação e cada vez mais pessoas nos contactam. Nós não queremos é que as pessoas pensem que já há alguém a lutar contra a exploração e que por isso podem ficar sentadas e descansadas... É necessário que as pessoas assimilem a informação, que a divulgem pelos próprios meios (e com a nossa ajuda, sempre que possível) e que actuem de todas formas que lhes seja possível. Toda a gente nunca é demais!!

GLOBAL RIOT

O *Global Riot*, propriamente, já não se edita mais. A entrevista foi, contudo, feita já que o seu editor está envolvido na criação de outra publicação: *Revolta*.

Ricardo
Apartado 1141
2750 Cascais Codex

Que tipo de fanzine é a *Revolta*?
A Revolta é uma publicação autónoma que visa a divulgação de um ideal de liberdade, resistência, apoio mútuo, cooperativismo, em harmonia com a natureza. Queremos por assim dizer, criar uma via anti-autoritária e livre que quebre todas as fundações governamentais e opressoras, através de um apelo à livre e directa organização que vise a libertação de todos os povos.

Quem são e qual é a média de idades dos editores?
Como eu também considero como editores aqueles/as que comigo colaboram na realização desta fanzine, as idades são as mais variadas: entre 18 e os 25 anos.

Quantos exemplares se venderam do último número e em que zonas geográficas foram distribuídos?
Claro que não posso responder em nome da REVOLTA. Mas a GLOBAL RIOT vendeu cerca de 50% na área de Lisboa, 5 a 10% na área do Porto e Norte, e os restantes 40/45% no estrangeiro.

Qual foi o primeiro fanzine que leste e em que medida ele contribuiu para despoletar o teu interesse pelo movimento anarco-punk?
Não me recordo do primeiro fanzine que li, mas a PROFANE EXISTENCE foi uma daquelas publicações que no início me despertou maior interesse. Mas não foram as fanzines anarco-punks, mas as publicações anarquistas como a ANTÍTESE que me fizeram o maior interesse.

O que é que vos motivou a editar um zine?
Penso que já respondi a esta pergunta no início.

Perspectivas de futuro. Pretendes prosseguir editando?
Sim, pretendo continuar a editar a REVOLTA, e a informar o maior número de pessoas sobre, não só o anarquismo, mas também modos de expressão artística alternativa, ecologismo e modos de vivência com a natureza, vegetarianismo e direitos dos animais, pretendo continuar a divulgar e a apelar à criação de um mundo pleno de verdadeiro humanismo, onde os seres se possam organizar livremente sem delegações fictícias, corruptas, hipócritas, sem delegações arbitrárias, onde nenhum ser humano ou grupo de seres humanos possam obrigar quem quer que seja a obedecer à sua vontade de modo que só a influência do exemplo e da razão prevaleçam.

ZWF

Já se chamou *Zine Without Future*. Está escrito em inglês e, musicalmente, gosta de vaguear por terrenos menos convencionais do Punk. O editor, Jorge Ferreira, confessou-me, a propósito desta entrevista, não gostar deste tipo de "inquéritos". Porquê? Bem, isso não cheguei a entender...

ZWF
Apartado 3053
3006 Coimbra Codex

Que tipo de fanzine é o *Zine Without Future*?
A ZWF! É uma zine que tenta conciliar a vertente musical com a vertente política. É uma zine que a nível musical tende a quebrar certas barreiras, quer ir mais longe, abranger o maior número possível de estilos de música (estilos de música que reflictam, de uma ou de outra forma, inconformidade, irreverência, rebelião,..., contra o meio em que nos encontramos inseridos, certos dogmas, leis, instituições, situações de injustiça, etc.). A nível político a zine contém alguma informação prática: boicotes, leis, manifs... Mas isto é só a ponta do iceberg, já que eu acredito que cada pessoa, por ela mesma, é que deve ir em busca da informação mais isenta possível, dos factos nus de crus que nos são ocultados pelas mais diversas razões.

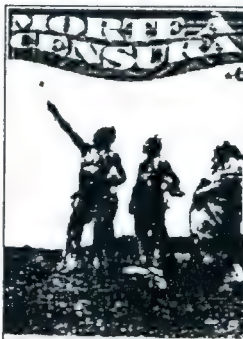
Quem são e qual é a média de idades dos editores?
Não é preciso fazer uma média aritmética, já que de momento existe um único editor. Assim toma-se a minha idade: 7 anos.

Quando é que saiu o primeiro número e quantos saíram até hoje?
O primeiro número saiu já há 2 anos e picos, este, que já deve ter saído aquando da publicação desta entrevista, é o 3º número.

Quantos exemplares se venderam do último número e em que zonas geográficas foram distribuídos?
Foram vendidas mais de meio milhão de exemplares do número 2, o que me surpreendeu bastante! A grande maioria foram todos para o estrangeiro, depois a grande distância — Lisboa —, a seguir Porto/Coimbra and *last but not least* outras áreas do país.

Qual foi o primeiro fanzine que leste e em que medida ele contribuiu para despoletar o teu interesse pelo movimento anarco-punk?
Antes da Maximum Rock'n'Roll ou de qualquer outra zine, o que mais me "tocou" foi uma secção minúscula na Thrasher Magazine — "Notes", se bem que a "Puszone" e "Igor's" também eram interessantes. É de salientar que nesses tempos eu era skater inveterado, skate-punk, e a Thrasher era a bíblia; a música era Punk, H/C, dava "pica", muita adrenalina, muito speed e até tinha umas letras porreiras... Esta assimilação do H/C Punk foi morosa, mas bem importante, permitindo-me hoje ver o H/C Punk não como uma fase de adolescência, mas como um modo de ser e estar na vida, muito mais do que a música

O que é que te motivou a editar um zine?
Eu andava desesperado, deprimido, queria perder dinheiro, e que melhor maneira de o fazer se não editando uma zine?!!

Perspectivas de futuro. Pretendes prosseguir editando?
O futuro não está nada sorridente sem computador, sem tempo, sem dinheiro, isto é difícil, mas cá vou indo. Espero conseguir uma periodicidade razoável, não dá para continuar nesta balda de sai quando sair (passou mais dum ano desde que a #2 saiu!). Resumindo e concluindo, em princípio é para continuar! Obrigado a todos os que me têm apoiado!

MORTE À CENSURA

É o mais antigo zine ainda em publicação e é, também, um dos mais conhecidos. Respostas por Bhopal.

MAC'zine
Apartado 75
Torre da Marinha
2840 Seixal

Que tipo de fanzine é o *Morte à Censura*?
Anarco-Punk.

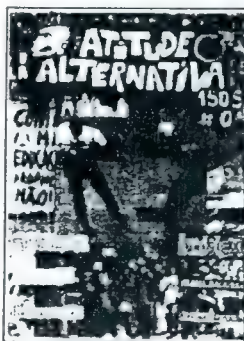
Quem são e qual é a média de idades dos editores?
Susana e Bhopal. 22 e 27 respectivamente.

Quando é que saiu o primeiro número e quantos saíram até hoje?
Em fins de 87, e até hoje saíram 6 números.

Quantos exemplares se venderam do último número e em que zonas geográficas foram distribuídos?
Cerca de 200 ex. Só cá em Portugal, mas que se foda a zona geográfica.

Qual foi o primeiro fanzine que leste e em que medida ele contribuiu para despoletar o teu interesse pelo movimento anarco-punk?
Lixo Anarquista, Cadáver Esquisito, Cancro Social, Campo de Concentração. Antes de saber o que era o Anarco-punk já ouvia Sex Pistols e Dead Kennedys, e os fanzines acima mencionados vieram-me abrir a parte teórica que faltava, daí até sair o 1º número do MAC foi um salto. Também a Acção Directa foi muito importante e continua a ser.

O que é que vos motivou a editar um zine?
Foi a tal cena de se falar muito e se fazer pouco essencialmente. E além do mais também uma certa revolta interior para com esta sociedade cínica e podre, que tinha que se manifestar por algum meio, o fanzine.

Perspectivas de futuro. Pretendes prosseguir editando?
É uma questão em aberto, não podemos dizer que está acabado. Além do mais não pretendemos criar elitismo à volta do MAC. Hoje existem fanzines muito bons tal como o MAC e, de certa, que inspiramos alguns fanzines, como outros inspiraram o MAC. O mais importante é continuarmos activos, a luta tem muitas variantes; uma das quais são os zines.

ATITUDE ALTERNATIVA

Um novo zine que agrada pela equilibrada proporção de conteúdo musical e político. Se, de todos os depoimentos aqui registados, tivesse que eleger aquele que mais gostei este seria o que escolheria.

Atitude Alternativa
Apartado 72
2135 Samora Correia

Que tipo de fanzine é o *Atitude Alternativa*?
Bom, em termos de formato, o ATITUDE sai em A5, sem número fixo de páginas, com capa diferenciada! Em termos de conteúdo, é um zine que pretende dar voz e apoio a bandas e outros projectos dentro do movimento Punk/HC e também (talvez o mais importante) servir de escape a opiniões teorias e maneiras de viver, alertar para certas situações e problemas e manter o espírito libertário aceso entre nós e todos aqueles que têm oportunidade ler o zine! É também uma forma de se poder dizer o que se pensa, de poder falar e fazer alguma coisa!

Quem são e qual é a média de idades dos editores?
Editores, editores somos dois! Eu (Rui) tenho 18 anos, o Carlos tem 21 (ou 22, não tenho bem a certeza!).

Quando é que saiu o primeiro número e quantos saíram até hoje?
O primeiro número (#0) do ATITUDE ALTERNATIVA saiu algures no meio de Abril de 1994! Até agora esse é o único número disponível, mas agora passado um ano irá sair o #1, também em Abril!

Quantos exemplares se venderam do último número e em que zonas geográficas foram distribuídos?
Foram distribuídos perto de 200 exemplares! Não é possível fornecer uma percentagem exacta da distribuição, mas em Portugal foram distribuídos um pouco por todo o lado, mais

para a zona de Lisboa, mas de Norte a Sul, praticamente! Também foram (e estão a ser) distribuídos exemplares no Brasil, Escócia e França!

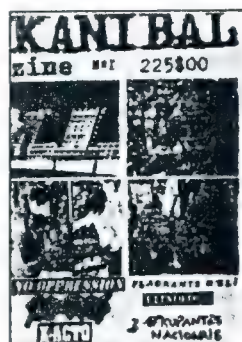
Qual foi o primeiro fanzine que leram e em que medida ele contribuiu para despoletar o vosso interesse pelo movimento anarco-punk?

O primeiro fanzine que eu (Rui) li foi uma *newsletter* brasileira chamada RESÍDUO SUBURBANO, o Carlos foi a MORTE À CENSURA. Esse primeiro contacto fez despertar um pouco mais alguma revolta e vontade de fazer algo. Desde que abandonei aquela idade mais ingénua que me fui dando conta de muitas injustiças e problemas sociais. Ao ler a *newsletter* dei-me conta que muita gente pensava como eu (ou vice-versa) e que lutavam para que a informação chegasse a todos, então decidi que iria fazer a minha parte editando um zine, mudando em certos aspectos a minha maneira de pensar e envolvendo-me no movimento.

O que é que vos motivou a editar um zine?

Tal como disse atrás foi a vontade de dar opiniões, informações, contribuindo para a melhoria e consciencialização das pessoas que lêm o zine. Também o gosto que tenho (temos) por boa música, com muita mensagem e atitude em relação ao exterior.

Perspectivas de futuro. Pretendem prosseguir editando?

O nosso objectivo é continuar mesmo! Imagino-me com 50 anos e a editar fanzines e escrever cartas e textos, etc... Porquê? Porque além de tudo aquilo que é preciso fazer e escrever, neste movimento Anarco-punk circulam as pessoas mais porreiras, honestas e amigas que se podem encontrar em movimentos alternativos! No mundo em que estamos é necessário este tipo de amizades, mas é claro que existem muitas mais razões! Além deste zine envolvi-me noutros projectos não só visando o Anarco-punk mas um pouco todo o *underground*. Mas a ideologia Anarquista/Punk/HC acima de tudo!

KANIBAL

Zine anarco-punk, um dos raros a surgir longe das metrópoles urbanas (Lisboa, Porto, Coimbra) de onde habitualmente estas iniciativas provêm.

KANIBAL'zine
Apartado 106
8125 Quarteira

Que tipo de fanzine é o *Kanibal*?

A KANIBAL'zine é uma fanzine *underground* pois não está à venda em circuitos comerciais que nada têm a ver com este movimento e que só querem lucrar com isto. É uma produção feita no velho e bom estilo D.I.Y. (Do It Yourself - *n.e.*) com recursos financeiros extremamente baixos, que pretende divulgar os ideais anarco-libertários através da contra-informação, e no aspecto musical incidimos principalmente (não unicamente) sobre o Punk/HC.

Quem são e qual é a média de idades dos editores?

Os editores e as respectivas idades são: João Pardal (22), Pedro Pardal (19) e Miguel Gonçalves (17).

Quando é que saiu o primeiro número e quantos saíram até hoje?

O primeiro saiu em Setembro de '94, o segundo está prestes a sair (ou até já saiu).

Quantos exemplares se venderam do último número e em que zonas geográficas foram distribuídos?

Do último número (ou seja o nº1) distribuímos (inclui vendas, trocas e ofertas) pouco mais de 250 exemplares e a distribuição foi feita mais ou menos assim: Sul=1%, Centro=65%, Norte=30%, Estrangeiro=4%.

Qual foi o primeiro fanzine que leste e em que medida ele contribuiu para despoletar o teu interesse pelo movimento anarco-punk?

Bem, quando li a primeira zine já me interessava pelo movimento anarcho-punk, por isso não vou mencionar a primeira que li (se bem que já não me lembro ao certo), vou mencionar aquelas que nos motivaram ou despoletaram o nosso interesse em fazer uma zine, que foram a MORTE À CENSURA e a CRACK!.

O que é que vos motivou a editar um zine?

Vários foram os aspectos que nos motivaram a fazer a zine: uma enorme vontade de comunicar; aprender, ensinar, evoluirmos; conhecer pessoal, fazer novas amizades; dar o nosso pequeno contributo à cena actual em geral (bandas, zines, colectivos, pessoal...)

Perspectivas de futuro. Pretendes prosseguir editando?

Como já disse atrás, já está praticamente cá fora o nº2. Depois vamos continuar editando a KANIBAL'zine (sabe-se lá até quando?) e razões não nos faltam para continuar: primeiro todos os nossos objectivos iniciais foram atingidos, teve uma boa aceitação por todo o pessoal e é uma coisa que gostamos de fazer pela comunicação e não pelo negócio.

Muito obrigado pela entrevista um abraço para todo o pessoal inconformado e disposto a lutar pelo que acham justo.

Na altura em que foi realizada esta entrevista eram, tanto quanto sabemos, estes e mais dois que não responderam os zines existentes em Portugal. Porém, foi com agrado que, de então para cá, assistimos ao aparecimento de novos zines que acabaram por não poder fazer parte desta entrevista-inquérito. Eis a seguir a morada dos que faltam.

Afóbico Apartado 1016 4446 Ermesinde Codex	Psst'underground zine Apartado 1030 3000 Coimbra	Pedras Negras Apartado 22647 1146 Lisboa Codex
Experimental Apartado 13 2901 Setúbal Codex	Outgrow Av.Vasco da Gama,92 2750 Cascais	DNA Av.Moçambique,8-B 2780 Oeiras
Smash the Fash R.Agostinho Neto,44-6ºA 1750 Lisboa	Atitude Apartado 1016 4446 Ermesinde Codex	Antídoto Apartado 21874 1139 Lisboa Codex

3 bandas 3 perguntas

ALCOORE

1. Que eu saiba a primeira banda portuguesa a editar um disco de Punk/HC foram os CORROSÃO CAÓTICA, chamado "União e Okupação". Desde aí até agora como é que vocês vêm a evolução das coisas a nível de bandas e a nível de consciência colectiva?

Sinceramente acho que o single de Corrosão Caótica foi um bom incentivo para as bandas de hardcore da altura ganharem mais confiança e para outras surgirem. Actualmente tenho andado um pouco desligado das novas bandas hardcore portuguesas, não sei se estão surgir com força, qualidade e originalidade, mas no geral, acho que a cena hardcore tem evoluído. A única coisa má que eu tenho notado é que algumas bandas não têm pensado por si próprias, acho que permanece ainda uma mentalidade menos aberta do que deveria existir, mas todas têm feito algo de positivo.

2. O que é aquilo que mais vos une enquanto banda e enquanto projecto colectivo?

Formamos a banda tendo por base o facto de sermos todos amigos, termos uma boa relação, o que nos permite partilhar das mesmas ideias e querermos tocar música por gosto. Nada disso até hoje se alterou, o que justifica de facto uma união invejável na banda (inveja é um sentimento natural mas feio).

3. Deixem um mensagem de esperança aos nossos leitores...

Encaremos a realidade: há muito pouca esperança no geral. Eu vou tentando criar o meu mundo, onde me sinto bem, com os meus amigos, tocando música, divertindo-me. Acho que podemos criar um mundo à parte (é a única solução que vejo) nunca prejudicando o próximo e aproveitando a vida fazendo na maior parte do tempo, aquilo de que gostamos. Muito mais há para discutir sobre este assunto, mas resume-se nisto. Divirtam-se e esperem pelos ALCOORE para breve!!

HUD SABÃO

1. Vocês pensam que a música de intervenção já não está na moda (como se diz), só porque o país já não sofre de uma ditadura declarada (ditadurite disfarçadex)?

Nós pensamos que o país não sofre de uma ditadura declarada, mas sim camuflada na qual o povo é manipulado e consequentemente levado «para a frente» (como dizem eles). O país é regido por um conjunto de leis às quais a população não se pode opor, sob pena de agressão por parte das forças autoritárias. Sendo assim, qual a diferença entre esta e uma ditadura declarada? Daí que nós pensemos que a música de intervenção não está na moda, porque a ditadura não é declarada e porque hoje a música de intervenção evoluiu sendo bastante diferente da de outros tempos (menos audível para alguns). Quando se fala em música de intervenção, tende-se a pensar que é música contra o governo. Hoje em dia a nossa música de intervenção não se preocupa só em falar do que está mal ou bem com o Estado, pois isso já toda a gente sabe (ou devia saber), a música de hoje também se preocupa com ecologia, direitos dos animais (qualquer tipo de animais) e com outros «cancros» da sociedade de hoje. A nossa música preocupa-se não só com o nosso país mas também com todos os outros, porque tudo isto está a tomar um rumo, que por todo o mundo começam a aparecer bandas a falar sobre estes assuntos.

2. Descrevam a vossa música em poucas palavras.

Tentamos criar uma cena que visa a transmissão de uma mensagem pacifista e directa à consciência de todos. O som reflecte a fusão de todas as influências musicais de cada elemento da banda.

3. O que é que vocês pensam do papel dos fanzines no seio de uma contracultura adormecida e fragmentada como o é em Portugal?

Nós achamos também importante o papel das bandas hardcore (e não só) no seio da contracultura, porque chama muito pessoal que começa por gostar do som da música e acaba mais tarde ou mais cedo por ler as letras, convivendo mais com as bandas e passando à acção (isto claro, se não fôr moda). Mas mais importante do que o papel das bandas é o do fanzines que vêm dar informação que as bandas por vezes não transmitem, complementando e desenvolvendo essa informação, que está no formato escrito, e que não é manipulada nem dependente de «nada». Além disso os fanzines, não só nos proporcionam uma cultura alternativa, como nos dizem o que podemos fazer e como devemos agir. Por exemplo, quanto à legalização das drogas leves, o governo diz que é ilegal porque é droga e fica por aqui. No entanto, as zines dizem que é ilegal mas deverá ser legal, explicando-nos as vantagens e desvantagens de ser legal e de ser ou não consumida.

RENEGADOS DE BOLIQUEIME

Quando actuaram pela primeira vez (Dez/94) demonstraram grande potencial e foram capazes de provar que têm ainda muito para dar. Uma perfeita entrega ao vivo, com força e imaginação. Nesta entrevista, apesar de só lhes termos feito apenas 3 perguntas eles tomaram a liberdade de acrescentar uma quarta...

1. O que é que vocês acham que vos distingue das outras bandas?

Ó - O facto de sermos indivíduos e de tocarmos Punk-rock com atitude.
F - Não termos o cabelo comprido.
Gi - Termos a coragem de tocar Punk!
Gu - O facto de fazermos um Punk-rock que não encontro em Portugal.

2. Se não tocassem numa banda, de que forma expressariam as vossas ideias artisticas/politicas?

Ó - Não sou artista, e exprimo as minhas ideias politicas a falar com as pessoas.
F - Fazia grafitis e metia-me numa seita religiosa.
Gi - Suicidava-me com *ratex*.
Gu - Bater punhetas na minha casa de banho... E alinhava nas manifs populares e estudantis que me dissessem alguma coisa!

3. De que forma é que uma banda como a vossa poderá eventualmente afrontar, boicotar, ou mesmo atacar o poder instituído?

Ó - De maneira nenhuma, porque nenhuma banda vai salvar o mundo podemos, no máximo, mudar algumas consciências individuais.
F - Olhem para o nosso nome.
Gi - Hããã... não entendi a pergunta... onde está a cerveja?...
Gu - Da mesma maneira que as outras bandas que também protestam.

4. Porque é que não concordamos com os *Straightedgers*?

Ó - Punk, para mim, sempre significou pensar por ti próprio. E gosto de pessoas com a mente aberta.
F - Porque há falta de água em Portugal.
Gi - Porque não quero fazer do Punk uma religião, e acho que somos demasiado poucos para fazermos divisões estúpidas.
Gu - Porque sou contra todo o tipo de atitudes que passem por tenntar impingir quase paranoicamente qualquer tipo de ideias aos outros.

(Os Renegados de Boliqueime são Óscar, Frágil, Giró e Guerra)

Perguntas por Luís Moreno

DISCOS

Significado de algumas
ABREVIATURAS

DIY - "Do It Yourself". Autoprodução.
EP - disco de vinil com 3 ou mais temas.
HC - Hardcore
s.t. - sem título
split - disco repartido entre duas bandas
7"/12" ("sete polegadas" e "doze polegadas") - São os dois formatos mais comuns de discos em vinil.

AGATHOCLES
"Agarchy" 7"EP
Flabby (?)

Outro EP dos Belgas AGATHOCLES que não se cansam de pôr material cá fora e que lideram em número de edições D.I.Y., seguidos pelos DISRUPT, HIATUS e M.I.T.B.! Confirmem-no na folha incluída no EP contendo a discografia completa, letras, contactos, etc. Nesta 1ª edição da Flabby Records da Rep.Checa podemos encontrar 4 excelentes temas dum devastador e demolidor noise/grind HC combinado com melodias, partes lentas(?!) e loucos *breaks* com técnica e produção perfeitas. O único senão é o excesso de efeitos vocais, tornando-os incompreensíveis, mas é por isso que incluiram as letras. Estas são bem melhores que na maior parte das anteriores edições dos AG., tendo agora carácter consciente e até poético, abandonando uma estética mais *gore* que antes os marcava. Obrigatório para fãs do género, mas não só. Será que o título dum tema e do EP quererá dizer anarquia para os AG.? Já que "AG.+ Anarchy=Agarchy"! *The campaign for musical & rockstar destruction continues!!* [AF]

ALICE DONUT
"Dry Humping the Cash Cow" CD · "Nadine" CDs
Alternative Tentacles (1994)

Este é um disco gravado ao vivo no CBGB's em New York, ao qual foram adicionados depois em estúdio sons da multidão de um concerto em estádio, o que faz com que por todo o disco se escutem milhares de pessoas que não têm nada que ver com os ALICE DONUT. Este disco apresenta também temas que nunca tinham saído anteriormente. O arranjo gráfico está muito bem conseguido e o disco é mesmo bom. Só para não ter de fazer outra review, saiu no dia 21 de Novembro de 94, um cd-single chamado *Nadine* e que tem três temas... tem o habitual nos ALICE DONUT, um som viscoso assente num rock muito ácido. Uma das bandas que tem sabido manter-se maluca. [LM] **3.5**

AMEBIX
"The Power Remains" LP
Skuld Releases (?)

Inacreditável! Esta edição a título póstumo duma das bandas mais ignoradas pela maior parte durante a sua existência, mais influentes e inspiradoras da cena *peace punk*, após o seu final. Sendo um lado gravado em estúdio e o outro ao vivo, num total de 8 temas tão belos, revoltados, emotivos, raivosos e outros adjectivos mais que nos apetece emoldurá-lo e pô-lo na parede. Ou então encostá-lo e pô-lo à frente das obras-primas dos CRASS e DISCHARGE. Ouvem-se teclados (?), partes acústicas, guitarras melódicas por vezes rasgadas *à lá thrash*, a endiabrada secção rítmica, a possessa e rouca voz que nos transmite profundas e libertadoras mensagens. Álbum com duplo encarte recheado de informações, um poster A1 e vinil colorido, num esforço conjunto entre os ex-membros dos AMEBIX e a Skuld Releases. Os momentos clássicos dum grupo histórico! [AF]

BEASTIE BOYS
"Ill Communication" CD
Capitol (1994)

Esqueçam pura e simplesmente que alguma vez ouviram falar dos Beastie Boys e se não sabem, ficarão a saber que esta banda esteve no início da década de 80 ao lado de bandas como os MINOR THREAT e que eram uma das bandas Hardcore de New York que mais concertos dava. Os BB eram portanto Punks, Hardcores (para mim é tudo o mesmo). Depois o seu som foi progredindo para o Rap, e passou até pelo reggae ao estilo dos CLASH. Aos poucos assumiram-se como um autêntico pilar na cena musical de New York, sem nunca perderem a sua vitalidade e imaginação. Mas em 1994 foi demais!! Ninguém esperava uma obra prima destas. Para quem nunca ouviu o disco, fica a saber que apesar de ter temas puramente HARDCORE, tem outros rock, outros Rap, outros funky, outros de World-Music, trata-se de um disco muito conciso e intervencionista. Apesar deste monte de experiências musicais está um disco homogéneo, e com samplagens das melhores que já tive oportunidade de ouvir. Os B Boys estão de volta e melhor do que nunca. [LM] **5**

BLINDFOLD
"Sober Minded Meditation" 7"EP
Warehouse (?)

Eis-nos perante o mais recente 7" dos BLINDFOLD (Bélgica) que é constituído por 2 fortes e emotivos temas dum HC de influências americanas. Poderosos e bem executados, "Fact" e "More Apparent Than Real", realçam a voz e guitarra marcantes nesta banda *straight--edge* da nova vaga europeia, com uma óptima produção. Quanto às letras não esperem pelos habituais clichés "sXe", são positivas mas vão além disso, devido à originalidade e personalidade em si empregues. Inclui as letras, excelentes grafismos e vinil colorido formando uma interessante embalagem. HC poderoso que agradará a qualquer ouvinte e que faz parte das bandas que se indentificam com o lema: "Positive, Political, Powerful"! [AF]

BOOBY TRAP
"Brutal Intervention" Demo
Martelo Pneumático (1994)

Crossover do melhor estilo, sempre a abrir, alguns *solos* masturbatórios (lembrando Metallica e quejandos), vocalizações agressivas mas melódicas, pena que em inglês, as letras têm procupações sociais. Soa bastante aos C.O.C. e Prong antigos. Destaque para as influências rap do tema "Booby Trap". Gravação em estúdio profissional. [MN] **3**

CAPITOL PUNISHMENT
"Messiah Complex" CD
We Bite (1993)

Pois é, esta malta é a prova viva da vitalidade do Punk ao longo dos anos. Esta banda que já resiste há 15 anos, lançou no fim de 93 um novo disco, produzido em Hollywood, por Donnell Cameron, o homem responsável pelo som cristalino de bandas como: BAD RELIGION, NO FX, DOWN BY LAW, etc. Os textos revelam uma atenção extra ao que se passa no mundo e o som é muito maduro. Não é só o Biafra que anda aí de barbas a cilindrar o Punk, este pessoal também tem muito a dizer. [LM] **3**

CHILL E.B.
"Menace to Society" 12"
Alternative Tentacles (1994)

A editora de Jello Biafra (USA) e Mark (UK) tem um espectro musical, felizmente, muito aberto e editam aquilo que pensam ser bom. Assim não o entendeu o conhecido zine Punk, Maximum Rock'n'Roll, que começara a restringir a publicidade desta editora na sua revista, simplesmente porque estaria alegadamente a sair fora do âmbito do Punkrock. A A.Tentacles mandou-os à merda e fez muito bem, e continua a editar o que bem lhes apetece. Este maxi do Rapper CHILL E.B. é um sinal dessa liberdade, e uma sinal de que não é só o Punk que tem revolta, e contestação. Quanto a este disco, é tão bom, que digo-vos, não fica atrás de outros terroristas como Ice-T, Public Enemy, Ice Cube, e outros. "Menace To Society" fala sobre o pobre, e oprimido ter de roubar para sobreviver, e depois ainda lhe vão chamar ameaça à sociedade, quando a sociedade é que é a verdadeira ameaça e causa na sua marginalização. [LM] **3.5**

DOWNSET
"Los Angeles 1994" CD
mudafuckin major Polygram (1994)

Conhecem os Rage Against the Machine? Então estes DOWNSET que são da mesma cidade, com a mesma raiva, e tocam basicamente o mesmo, não vão adiantar muito. O que não significa que não se lhes dê atenção, pois apesar do fantasma dos RATM, têm algo de novo a dar à música e algo de velho mas necessário: letras contestatárias. [LM] **3.5**

EL CORAZON DEL SAPO
"La Imaginación Contra el Poder" LP
Mala Raza/Soroll (1995)

O melhor disco do ano?! Dentro do que ouvi até agora, sim. E não vem da Califórnia, Inglaterra ou Alemanha. Vem de bem perto: Zaragoza, Espanha. Musicalmente, este disco estará próximo do que se designa de *hardcore* melódico. Alternando partes velozes e cruas com partes mais lentas e "cantadas", super bem tocadas e com um vocalista com uma voz simplesmente extraordinária, este é um disco que foge a todos os convencionalismos, um *hardcore* novo que não me deixou de espantar ao fim dos 12 temas. O tema que dá título ao LP, então, é de tal forma incrível que das primeiras vezes que ouvia não evitava sentir um calafrio a percorrer-me o corpo todo. Há muito que um disco não me fascinava tanto. Letras excelentes e impressas num livrinho de óptimo grafismo. [VR] **5**

FLYSCREEN
"dAP bAG" CD
Words Of Warning (1994)

Decididamente Inglaterra já chateia com tantas modas musicais e tanto enjoo *indie*, mas por trás disso tudo vêm bandas como os SENSER e estes FLYSCREEN que nos espantam e maravilham. Trata-se de Punk-pop mais sujo que o praticado nos states, e com muita melodia. Dá para passar uma semana inteira a cantar ao som dos FLYSCREEN. É uma moca!!! [LM] **4**

FORAGIDOS DA PLACENTA
"Borboletinhas na Floresta" Demo
a.p. (1993)

Banda relativamente nova os F.D.P. tocam um H.C. thrashado com influências de RATOS DE PORÃO. Letras um pouco ingénuas e uma produção razoável mas é um bom começo para esta banda, espero ouvir mais gravações. [MN] **3**

FUGAZI
"Red Medicine" CD/LP
Dischord (1995)

Desde 1993 que não havia novo material dos Fugazi, e de uma vez por todas este novo disco valeu mais do que a pena esperar. São 13 temas meticulosamente compostos, que entram direitinhos para a prateleira dos clássicos. Numa altura em que é muito fácil reciclar o som hardcore da moda, assinar um contrato asfixiante com uma editora multinacional de peso sanguessuga, e vender milhões de cópias, os Fugazi continuam literalmente a ser aquilo que sempre foram, e o seu som reflecte bem o modo como são uma gota de azeite em água. Se existe algo dentro de Guy, Ian, Brendan e Joe, que merece ser posto em música, essas obras são necessitam de ser enfiadas pela goela abaixo para serem consideradas excelentes, só é necessário ter também algo dentro para as compreender. [LM] **5**

GODBULLIES
"Kill the King" CD
Alternative Tentacles (1994)

Este é um disco muito na linha dos BUTTHOLE SURFERS, que trás de volta às edições os americanos GODBULLIES. É sem dúvida um disco muito bom e que nos faz pensar em coisas como o paralelismo entre a satisfação do sexo, e a satisfação das drogas pesadas, tudo abordado de uma forma arrepiante. Sátira, fatalismo da nossa existência patética e outras agulhadas, são alguns dos assuntos deste disco, de onde destaco "How Many Times" como o melhor tema. No fundo alguns de nós recusamos sempre ir muito ao fundo da essência humana, pois existe o medo de se ficar perdido no meio, pois voltar atrás será tarde. E este disco empurra-nos para essa análise. [LM] **3.5**

GROWING MOVEMENT
"Circle of Torture" CD
We Bite (1993)

Editado em dezembro de 93 este é o 1º longa duração dos GM, que depois de muitos concertos, alguns EPs e outras actividades, atiram cá para fora pela mão da We Bite um disco impressionantemente poderoso. Este tipo de coisas só podem acontecer em dois sítios: ou nos states ou na Alemanha. Erraram, foi na Alemanha. É um Hardcore muito bem produzido, com um som excelente e um poder que nem imaginam. [LM] **3.5**

J CHURCH
"Camels, Spilled Corona and..." CD
Broken Rekids (1993)

Primeiro longa duração desta banda californiana que conta com os dois principais elementos que faziam parte dos CRINGER. Este disco tem 12 temas tocados naquele estilo *pop-punk* que imortalizou os CRINGER. Todavia, se quiser estender a comparação então terei que admitir que os temas deste disco não estão bem ao nível do melhor que os CRINGER fizeram, mas... estão quase lá. As letras, então, são excelentes, bem reveladoras do talento de quem consegue passar para o papel aquilo que a maioria de nós apenas consegue, quando muito, sentir. Este CD está, ainda ilustrado com numerosas fotografias da Revolução Espanhola de 1936 e desse herói de todos nós, anarquistas: Buenaventura Durruti. [VR] **4**

JELLO BIAFRA and MOJO NIXON
"Will the Featus Be Aborted" CDs
Alternative Tentacles (1993)

Aqui está Biafra a cantar por cima da country-music de MOJO NIXON and the TOAD LIQUORS que no Virus 100 fizeram a *cover* do tema "Winnebago Warrior". Numa adaptação do tema "Will the Circle Be Unbroken" um temazinho tradicional de malta que também luta pela legalização do aborto nos states, Biafra vem desta vez manifestar-se sobre o assunto do aborto. Será que as mulheres não podem tomar

as decisões que melhor entendem acerca do seu corpo? Eu acho que sim e o Biafra também, assim como muita outra gente. A pressão contiuará a cair sempre em cima das mulheres, enquanto os viscosos 'Pro-Lifers' (os americanos que são contra o aborto e que mexem os cordelinhos) não entenderem que o feto não tem qualquer vida fora do utero da mulher, e cabe a ela decidir ter o filho ou não. [LM] não me apetece classificar.

JELLO BIAFRA and MOJO NIXON
"Prairie Home Invasion" CD
Alternative Tentacles (1994)

Bem, confesso que no inicio eu também tinha as minhas reservas quanto à última opção musical de Biafra, mas asseguro-vos de que se desvaneceram por completo quando na primavera de 94 foi lançado o longa duração anunciado que reunia Biafra e Mojo Nixon. Este disco cria uma dependência pela sua audição, mas à medida que se vão descobrindo as geniais letras de Biafra, essa dependência aumenta e assim nasce mais um clássico na linha de outros clássicos tais como o LP dos LARD. É triste dizê-lo, mas já na altura dos Dead Kennedys, Biafra era interpretado por muitos (mesmo os seus fãs) tendo em conta apenas a sua música e a partir daí ou o condenavam por ser punk-rocker ou o adoravam, mas muito pouca gente se dava ao trabalho de se debruçar sobre a poderosa mensagem de todos os textos. Pois bem, esta pouca gente compreenderá e gostará certamente deste disco, não porque tudo o que Biafra faça seja para ser considerado excelente, mas porque o homem é acima de tudo um analista imperdoável e astuto de toda a teia que se esconde por trás dos malabarismos destinados a distrairem o mundo. Biafra é um activista incansável. Mojo Nixon é um bom músico e a sua parceria com Biafra deu um resultado muito positivo no sentido de expandir mais os horizontes musicais de todos nós. [LM] 5

JESUS LIZARD
"Down" CD
Touch And Go (1994)

Novo disco deste quarteto desconcertante. Letras de uma agudez sarcástica e música de uma irregularidade hipnotizante. Este é o quadro para quem estiver disposto a ouvir algo diferente. [LM] 3

JOKER PICKLE'S REACTION
s.t. Cass
a.p. (1993)

De vez em quando vêm parar à minha caixa de correio uns envelopes misteriosos vindos do outro lado do Atlântico contendo registos sonoros de bandas de que nunca ouvi falar mas que, frequentemente, me deixam de boca aberta. Esta cassete é a estreia desta banda (não sei se entretanto lançaram algo mais, isto já me chegou há uns tempos) que toca um bom Punk-Rock variado e intercalado, de vez em quando, com umas partes satíricas e políticas *à lá* Frank Zappa. Acabo de descobrir agora que a cassete não traz nenhuma morada e não tenho nenhuma maneira de agradecer a esta malta... [VR]

KILLING JOKE
"Pandemonium" CD
Butterfly (1994)

Obrigado Jaz Coleman. [LM] 4

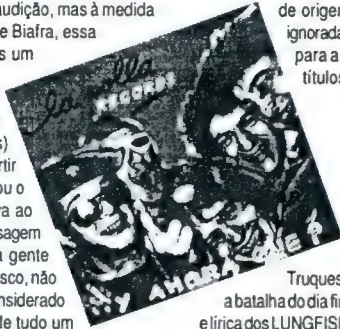
KINGDOM SCUM
"Delete the Elite" 12"
Eerie Materials (1994)

Disco muito sarcástico e feito à base de samplings, cuja tónica central é: a estupidez não é algo da qual se deve ter pena, num mundo onde as *majors* controlam tantas emoções. E daqui começam a desenrolar o novelo de onde se conclui que a propensão deste colectivo (quase surrealista) para os tiros chega a ser saudável. Pois além de ameaçarem a Elite, mandam carinhosamente o recado que Kurt Cobain não merecia um tiro, mas sim um jorro deles, por representar tão bem a estupidez humana e o poder das *majors* nas emoções da malta jovem. Isto é raiva honesta em acção!! E muita imaginação. [LM] - inclassificável

KOJON PRIETO Y LOS HUAJOLOTES
"Agarrense Que Llegan los Reyes del Napar-Mex" LP
Gor (1993)

Quando, há um ano atrás, depois de regressar de mais uma das suas frequentes viagens através do continente Europeu, o Noé me falou desta banda que tinha escutado quando passou por Espanha, do seu som de raíz popular e do seu contagiante ritmo, encheu-me de curiosidade. A espera que se seguiu até obter este LP valeu a pena. Constituídos por 11 elementos (!!) que manejam os diversos instrumentos com uma mestria ímpar, os HUAJOLOTES buscam os ritmos e melodias na música popular mexicana. As letras, umas podendo-se dizer oriundas de um qualquer cancioneiro popular, outras de conteúdo claramente político ("Txivato" e "Insumision"), são muito divertidas (para o qual ajuda até o sotaque mexicano!). O resultado final é excelente, pena só que banda não tenha uma ligação maior com a cena "alternativa". [VR] 5

LA POLLA RECORDS
"Salve + Y Ahora Que?" CD
Oihuka (1994)

Este CD engloba o primeiro LP dos Bascos LA POLLA RECORDS, "Salve", e o primeirinho disco há muito esgotado, o 7"EP "Y Ahora Que?". Isto é material saído em 83 e 84 que, todavia, se inclui dentro do melhor que a banda já fez. *Pop-punk*, ou rock radical como é designado em Espanha, de primeira. Acontece que, lamentavelmente fruto de uma generalizada e cretina dependência da música de origem anglo-saxónica, esta banda é ainda muito ignorada em Portugal. Para começar, o melhor é escrever para a *Confronto*—os únicos a distribuir, em Portugal, títulos desta banda. [VR] 5

LUNGFISH
"Pass and Stow" CD
Dischord (1994)

Isto é o que o Dan (voz) diz acerca do novo disco (3º longa duração) dos LUNGFISH: "14 temas sobre política erótica geométrica, ou seja, pontos de intersecção, cheiros codificados. Truques de postura e alarmes genéticos soando tal qual a batalha do dia final". Eu digo: este disco mantém a linha musical e lírica dos LUNGFISH, que se caracteriza basicamente por rockpunk feito para nos sentirmos como se estivéssemos numa montanha russa em forma de espiral. [LM] 3.5

MALHAVOC
"Get Down" CD
Cargo (1994)

Novo disco deste projecto canadiano, que supera todos os anteriores e nos deixa de água na boca por um novo disco, a vir sabe-se lá quando. O estilo aperfeiçoou-se, mas as malhas de guitarra rítmica (muito pesada) e os ritmos dançantes ou simplesmente feitos por uma caixa-de-ritmos, mantém-se como o seu som característico. Para mais alucinações ver o artigo do Crack!#2. [LM] 4.5

M.O.L
"Niños Estúpidos" Demo
Treboada (1993)

Esta banda da Corunha (Galiza) pratica um HC/Punk do melhor feito por terras ibéricas. Com uma embalagem e produção cuidadas, letras directas, esta é uma edição definitivamente Punk, a ouvir até a cassete romper. [MN] 4

MULE
"If I don't six" CD
Quarterstick (1994)

Eu já tinha ouvido falar desta banda mas nunca tinha ouvido, e agora que ouvi gostei muito, tornei-me fã, acho que já não vou querer o meu detergente antigo. Não troco os MULE por duas embalagens de nada, agora é meu só meu. Puta disco!!! Como é que uma banda só com três pessoas (bat-guit-baix) consegue fazer um disco tão fenomenal, e anda aí gente com a tralha toda (2 guitarras e afins...) e não faz nada de jeito? Nem eu sei responder. [LM] 4

MURPHY'S LAW
"Good for now" CDs
We Bite (1993)

MURPHY'S LAW, traduzido para português significa a Lei de Murphy, que para quem não sabe reza o seguinte: "Se algo se mal tem de acontecer, inevitavelmente acontecerá". Poderá parecer muito fatalista, mas lá o MURPHY acho que provou cientificamente esta sua Lei. E antes que algo de mal aconteça já esta banda de New York, fez a festa e deitou os foguetes. Cada concerto seu é uma descarga de adrenalina e energia, com os seus temas Hardcore rápidos, os temas mid-tempo Ska, e os temas lentos Reggae. Este disco é do melhor que há para fazer a festa. [LM] 4

NEBOA
s.t. Cass
Treboada (1995)

Em gostei mesmo muito desta demo. *Hardcore* bastante invulgar para estas terras Ibéricas, com semelhanças com NOMEANSO e ALICE DONUT. Musicalmente imaginativo, não convencional. Letras pessoais e uma capa de atraente grafismo. Mais uma óptima edição dos nossos amigos de Compostela. [VR] 4 *(também em distribuição através da Confronto)*

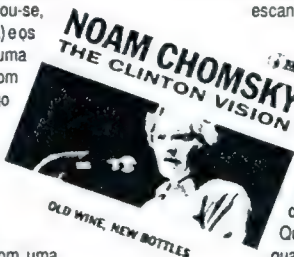
NEGLET
"End It!" CD
We Bite (1994)

Grindcore que apesar de muito bem tocado, às vezes chateia um pouco. Aconselhável para quem gosta de CROSSOVER. [LM] 2.5

NEUROSIS
"Enemy of the Sun" CD
Alternative Tentacles (1993)

Ladies and Gentelmen: NEUROSIS !!!!!!!!!!!!!!!!!!! Vamos com calma, calma. Acho que vou limpar o suor e tentar escrever uma review que diga o quanto esta banda me tem surpreendido. Em 92 editaram um disco que por si só seria suficiente para os proclamar de melhor banda do século (deixem-me lá exagerar um pouco!!), e no final do ano de 1993, lançam outra obra-prima, precisamente este disco do qual estou a tentar escrever. Vamos começar pelo fim. O último tema de nome "CLEANSE", dura algo como 25 minutos, e é só composto por tambores tocados por todos os elementos da banda mais alguma malta. Depois temos os outros temas que muito ao género do disco anterior, constituem autênticas odisseias orbitais, de sinos, guitarras de todos os tipos, e uma lista infindável de instrumentos. Mas o factor importante até nem é a variedade de instrumentos utilizados, mas sim, a forma como estes são usados na composição dos temas. Isso é que é genial. Os seus textos reportam-nos cada vez mais para uma Era mística e aterrorizante, onde o homem irá ser cada vez mais oprimido, e afastado da sua verdade interior. Isto é só a ponta do véu. Durante o verão de 94 os NEUROSIS estiveram na Europa a tocar ao vivo, e imaginem agora o que é no fim do concerto, cada elemento pegar na sua qualidade de tambor e tocarem o tema CLEANSE durante 30 minutos. E pensar que eu perdi um concerto de NEUROSIS em Londres por chegar tarde... bem isso já é outra história. Para mais pormenores é favor ler algures nestas páginas a entrevista que conseguimos fazer aos NEUROSIS. [LM] 5

NO SECURITY / VALVONTAKOMISSIO
s.t split LP
Finn (1990)

Split LP repartido por 2 bons representantes do melhor HC escandinavo. Os primeiros vêm da Suécia e serão mais conhecidos por terem um *split* LP com os Ingleses DOOM. Tocam ao todo 13 temas bem na tradição dos DISCHARGE, mas só como suecos sabem tocar, em alta velocidade e com grande coesão. Cantam em Sueco à excepção de 2 temas, sendo um deles uma versão do "Another Religion, Another War" dos velhinhos VARUKERS. O melhor dos 2 lados para os NO SECURITY, "Play loud and full speed ahead"! Quanto ao outro lado, chega da Finlândia, nome quase impronunciável e tocam num estilo tudo ou nada semelhante aos primeiros. Têm apenas uns *riffs* por vezes mais metálicos e um baixo menos pesado, mas são bem enérgicos e rápidos. 14 temas todos em Finlandês, lançando distorção e caos sonoro em todas as direcções não há fuga possível! Que doce e subtil corrosão nos invade!! Aaaarrrggghhh!!! [AF]

NOAM CHOMSKY
"The Clinton Vision - Old Wine, New Bottles" CD
AK Press Audio (1994)

Disco falado contendo um discurso de 56 min proferido por Chomsky em Washington D.C. aquando do 15º aniversário da revista *Covert Action Quarterly*. Como o título sugere, este é um discurso sobre a política de Bill Clinton. Mais precisamente é uma análise das medidas tomadas pelo presidente americano em áreas como: NAFTA, saúde, crime, relações laborais, política externa e economia. A análise é, como seria de esperar, sagaz e bem fundamentada. Gravação de grande qualidade. Este disco marca o início da AK Press Audio que, entretanto, já lançou outro CD de Noam Chomsky intitulado "Prospects for Democracy". [VR]

NOMEANSNO
"Why Do They Call Me Mr. Happy?" CD
Alternative Tentacles (1993)

O retorno dos NOMEANSNO em 93 foi a confirmação de que este dueto canadiano de irmãos, além de bons músicos, continuam uma das nossas bandas favoritas. Letras poética e politicamente incorrectas e música para encher a alma. Sem mais palavras, nota máxima e que não quer realidade então que vá ver televisão (esta era do Pensador). [LM] 5

RATOS DE PORÃO
"Crucificados pelo Sistema" CD
BRZ (?)

Haverá pouco a dizer acerca deste histórico dos R.D.P. e da cena HC/Punk brasileira e mundial, até porque foi editado há já uma década e todos o devem conhecer. Quem não se recorda de bombas de raiva, crítica e revolta como "Agressão/Repressão", "Pobreza", "F.M.I.", "Periferia", "Crucificados pelo Sistema", etc, etc.!! Letras sarcásticas

e alertas q.b., que reflectem de modo geral a situação do Brasil na época, nesta reedição em CD para os fanáticos da fidelidade sonora e quem possua um leitor deste formato. Como é óbvio, inclui tudo o que a versão em vinil já incluía e vem em português como no orginal. Nada de versões inglesas como há uns anos foi lançado em LP pela agora editora dos R.D.P. (Roadrunner), por isso razões mais que suficientes para obterem este CD "mid-price" e porem o volume no máximo para melhor rendimento e curtição! [AF]

REFUSED
"Pump the Brakes" CDs
Startrec (1994)
Hardcore *straigh-edge* vindo da Suécia com muito, muito poder e velocidade e muito bem tocado. Muito bom. [LM] **3.5**

RESIST
"Ignorance is Bliss" LP
Profane Existence (1995)
Disco póstumo (os RESIST já acabaram) de uma das bandas que puseram Portland no mapa punk americano. Este LP contem 35 min daquele hardcore britânico dos finais dos anos 70 misturado, claro, com DISCHARGE. Muito punk, a condizer aliás com os padrões habituais da editora. Letras políticas e um invólucro com muita informação. Sem dúvida um disco que os amantes deste género punk vão adorar, se bem que a mim pessoalmente me tenha, a certa altura, entediado um bocado já que as músicas tendem a parecer-se muito umas com as outras. Acho que já não tenho muita paciência para este género de música. [VR] **3**

RORSCHACH
"Protestant" LP
Wardance (1994)
É ponto assente: as melhores coisas duram sempre pouco. Os RORSCHACH editaram este disco e acabaram. Charles Maggio, o vocalista mudou totalmente a sua voz do disco anterior para este e a banda decidiu complicar as coisas ainda mais, recusando-se pura e simplesmente a tocar algo convencional. O seu som ficou de mais difícil compreensão, na minha opinião foi uma evolução genial. Mas o melhor de tudo foi ouvir uma nova versão de um tema que tinha sido editado apenas no 7"EP "Needlepack", e que aqui tem tanto poder e força que dá para explodir. É isso mesmo que os RORSCHACH são: explosivamente potentes mas complexos, e ainda bem. Resta-me felicitar a FDM por distribuir discos de tanta qualidade. [LM] **4.5**

SENSER
"Stacked Up" CD
Ultimate (1994)
Quando ouvi o meu primeiro tema dos SENSER, o "Eject" em 1993, pensei imediatamente que uma banda assim não podia existir. Não era possível alguém fazer música que aproveitando todas as influências dos anos 90, conseguisse cagar em tudo e assumir-se como algo excitantemente tão novo e refrescante, e que ainda por cima fosse libertário. Bem, fiquei à espera de notícias, e então em 94 este longa-duração estreia dos SENSER, confirmou as minhas expectativas: esta é a banda do ano, este é um dos melhores discos da década e foda-se lá para todas estas catalogações, eles são muito bons e o resto é treta. O tema de abertura mesmo depois de eu o ouvir 346757223 vezes ainda consigo saltar e cantar bem alto, com os pelos do corpo todos levantados. Não todos os anos que surgem bandas e discos destes. Vou parar por aqui, e deixar-vos com um conselho: recusem-se a ouvir um só tema dos SENSER, para se formar opinião, ouçam pelo menos... todos. [LM] **5**

SIMBIOSE
"Até Quando" Demo
a.p. (1993)
Vozes grunhidas, velocidade na bateria e guitarras baseadas no som Inglês dos DOOM e E.N.T. Destaque para a atenção prestada pela banda aos temas ecológicos e direitos dos animais, contidos na capa, no panfleto e repetidamente nos temas das letras. [MN] **3**

SLAPSHOT
"Unconsciousness" CD
We Bite (1994)
Que será que este pessoal dos SLAPSHOT toma às refeições? Com esta idade e ainda a fazer um HARDCORE tão brutal, que até mete medo pensar em ver gente desta idade avançada a fazer "stage-diving" com as veias saídas e os músculos tensos. Até faz aqui a malta bem mais nova parecer uma cambada de conservadores... mas nós não somos pois não? Nós somos tudo malta muito radical e diferente. Nós somos radicais e vamos sempre para além dos limites, nós andamos a precisar é, além de um ferro em brasa no cu, de bater com a cabeça na parede. [LM] **3.5**

SMARTYR
promo-tape
Smartyr (1994)
Esta banda de S.Francisco tem um amigo no Canadá, que me mandou esta *promo-tapee* me perguntou onde é que ficava "Porto Codex" em Portugal... nem eu sei! Fui pôr a cassete no deck e caí de cu. Um som que cruza BIG BLACK com sei lá o quê, e que me deixou parvo. Esta banda ainda nem tem discos, pois o seu *single* está para sair, mas têm um som maduro e tão lubrificado, que parecem andar nisto desde que nasceram... nem me admirava nada! [LM] *Very good stuff indeed!*

SOZIEDAD ALKOHOLIKA
"Y Ese Que Tanto Habla..." LP/CD
Oihuka (1994)
Thrash-core descarregado com uma impressionante potência e velocidade. O vocalista não berra, nem grunhe apenas, ele CANTA! E isto é, talvez, a fórmula mágica que torna esta banda Basca inconfundível. Apesar de gozarem de enorme sucesso em Espanha, a sua atitude é radical, libertária, como aliás atestam as letras deste disco. O CD tem um tema adicional: "Mili Mierda". [VR] **5**

Vários
"Cenas Anarco-Punk" LP
Boas Novas/Esperanza (1995)
Esta compilação reune 11 bandas brasileiras alternativas, com 57 temas no total! O desempenho das diversas bandas é globalmente bom, se bem que nem todas do meu inteiro agrado—o que é aliás frquente em compilações. Este disco vale sobretudo pela honestidade e esforço empregue por todos os participantes em apresentar num disco uma amostra das bandas mais conscientes da cena punk brasileira actual. E isso por si só já vale a compra. Junto com o disco vem um livrinho de 16 páginas com letras, grafismos e depoimentos das bandas. [VR] Boas Novas Records/ CP 2644/ Natal, RN 59022-970/ Brasil *(também disponível através da Confronto)*

Vários
"The AYF Band's Crew" 7"EP
AYF/Elephant (1994)
Na introdução vem escrito: "Esqueça as bandas do passado e as bandas comerciais que você viu do Brasil. Agora há uma nova realidade e uma cena muito activa." Esta é uma co-edição que envolve a AYF (ou FJA - Federação da Juventude Anarquista) e que reune algumas bandas punk alternativas do momento. Neste disco são 6 as bandas, cujos géneros vão desde o punk-rock ao thrash passando pelo hardcore e crust. Todas elas, exceptuando os ABUSO SONORO, cantam em inglês. Os meus favoritos foram os DEZAKATO e o seu viciante hardcore estilo BAD RELIGION (mas mais rápido). [VR] Elephant Records/ Rua Godofredo Fraga, 75 Apto.21/ Santos-SP 11070-400/ Brasil *(também disponível através da Confronto)*

VEIN
"Drinkin Drugin n Drivin" 7"
Rectal Records (1994)
Nem sei o que é que me deu falar de um disco que incite à situação ilegal de conduzir bêbado e mocado e ouvir punkrock nas alturas. [LM] 3

WARZONE
"From Old School to New School" CD
Victory Records (1994)
Esta banda existe há 10 anos na cena HC-Straight Edge de Nova York, e eu nunca ouvi falar dela até este disco. Permitam-me que me sinta envergonhado por não saber que os WARZONE tocaram ao lado dos YOUTH OF TODAY e têm temas fantásticos como "Face Up to It", permitam-me que confesse que não sabia que as suas actuações ao vivo são das melhores coisas que há (a seguir é claro, a 3 embalagens de LAVA-TUDOeFODEoAMBIENTE). Desculpem-me estas falhas imperdoáveis, vou fazer com que não se repitam de novo. [LM] **4**

ZENI GEVA
"Desire for Agony" CD
Alternative Tentacles (1994)
Brutal *noise-core* japonês (gostei muito das letras!!). São hipnóticos nas malhas sonoras que criam. Decididamente o Japão é mesmo a terra dos terramotos e este é dos fortes. KK NULL (o mentor, cujo nome me faz lembrar alguém...!) que já produziu os BOREDOMS, mete a mão nas cordas da guitarra e põe as da voz a arranhar, e acreditem-me que não se fica com os sentidos no sitio. Para agravar as coisas o disco ainda é produzido pelo Esteves Albini (esse mesmo!). Mas como se não bastasse, conseguimos uma entrevista com KK NULL que fala em nome dos ZENIGEVA, alhures nestas páginas. [LM] **5**

MAIS PUNK-ROCK...

Por razões de espaço ou de tempo não nos foi possível incluir mais recensões. Deixamos, no entanto, a seguir umas breves referências a demos/discos que achamos valerem a pena.

ESTADO DE SÍTIO - Cass
a.p. (1994)
Demo de estreia. Hardcore. Escrever para: Rua Prof.Armindo Monteiro,4-4A/ 1600 Lisboa/ Portugal

INJUSTICED LEAGUE/ COLLAPSE! - Cass
a.p. (1994)
Split demo entre os I.L. de Leiria (Portugal) que tocam punk e os Collapse! da Holanda e tocam crust/grind. Escrever para: I.L./ Quinta de Santo António, Lote 14-A/ 2400 Leiria/ Portugal

LOVE AND THE WILL - Cass
a.p. (1994)
Não é punk, apenas rock. Seis temas. Escrever para: Rua Padre Cruz, 35/ 4445 Ermesinde/ Portugal

MOL - "Agrikolae" Cass
Treboada (1994)
Thrash-punk por esta banda da Corunha. 8 temas. Escrever para: Treboada/ Apartado 259/ Compostela 15780/ Espanha

NO OPPRESSION - Cass
a.p. (1994)
Hardcore. O 7"EP deles já saiu mas esta demo ainda está disponível: F.D.M./ Apartado 346/ 2750 Cascais Codex/ Portugal

PARALEXO INDECISO - "Perplexo Einstein" Cass
Kosteletta (1995)
Uma espécie de mistura entre punk e Death in June, não sei se estão a ver... Escrever para: Pcta. Baden Powell, 63/ 4430 Gaia/ Portugal

Vários - "Insumision" Cass
DDT (1994)
Compilação antimilitarista só com bandas espanholas: REINCIDENTES, PARABELLUM, BARRICADA, APÁRTE QUE PISO MIERDA, M.C.D., etc. 23 bandas. DDT/ Iturribe, 66/ 48006 Bilbo/ Espanha

Vários - "Compilação Antimilitarista Ibérica" Cass
Crack! (1994)
Compilação editado pelo *Crack!* com 13 bandas da Península Ibérica: ARRGHH!!, M.O.L., KUERO, SIMBIOSE, EZIN IZAN, etc. Traz, ainda, um livrinho com 24 pags com textos e desenhos sobre antimilitarismo. À venda através da Confronto.

ZËNZAR - "Fascinante Prohibido" Cass
Treboada (1995)
Punk'n'Roll cantado de em Galego. 8 temas. Mais um sucesso das Edições Treboada.

MORADAS

Para adquirires estes e outros discos podes escrever para as distribuidoras abaixo (enviando um selo ou, para o estrangeiro, um Cupão Resposta Internacional ou US$1) pedindo o seu catálogo. Como solução de recurso escreve para a própria editora e pergunta o preço.

Editoras

Alternative T./64 Mountgrove Rd/London N5 2LT/ UK
Ataque Sonoro/Apartado 1789/1017 Lisboa Codex
Creative Conscience/Apartado 43/2750 Cascais Codex
Eerie Materials/ Box 2627/ Berkeley/ CA 94702/ USA
Mala Raza/ Apartado 6037/50080 Zaragoza/ Espanha
Martelo Pneumático/Apartado 316/3810 Aveiro
Oihuka/Igarabidea 88 bis/20009 Donostia/ Espanha
Profane E./ PO Box 8722/ Minneapolis, MN 55408/ USA
Treboada/Apartado 259/15780 Compostela/Espanha
Wardance/35-18 93 rd Str./Jack Hgts/ NY 11372/ USA
We Bite/Gonninger Str. 3/72793 Pfullingen/Germany
Dischord, Quarterstick, Touch'n'Go e Words of Warning são distribuídas por: **Southern Studios**/ 10 Myddleton Road/ London N22 4NS/ UK

Distribuidoras

Active/ BM Active/ London WC1N 3XX/ UK
Community/Caixa Postal 54/CEP 13450-970/ Santa Bárbara d'Oeste -SP/ Brasil
Confronto/Apartado 460/4400 Gaia/Portugal
FDM/ Apartado 346/2750 Cascais/ Portugal
Olhos de Raiva/ Apar.1016/4446 Ermesinde/ Portugal
Smash the Fash/ R.Agostinho Neto,44-6ºA/ 1750 Lisboa
M.R.H.C./Apartado 551/48080 Bilbao/ Espanha

Publicações

Os preços indicados já incluem portes e são válidos para pedidos feitos a partir de Portugal. Algumas publicações podem também ser obtidas através da distribuidora Confronto cuja morada vem na contracapa. Salvo indicação em contrário, as publicações estão escritas em português.

Alternative Libertaire #34
24 pags · A4 · francês · US$3
Revista anarquista publicada em Paris. Este número, correspondente a Junho de 95, traz artigos sobre racismo, Le Pen e o problema dos imigrantes em França; ainda, sobre lutas laborais e mobilizações diversas, sobre o IIIº congresso da Alternative Libertaire, anarquismo e antimilitarismo em Espanha, e uma entrevista com Paco Ignácio Taibo sobre os 9 meses em que Che Guevara desapareceu das biografias oficiais. [VR] A.L./ BP 177/ 75967 Paris cedex 20/ France

Cadernos Insurreição #6
32 pags · A4 · 230$
Publicação temática de cariz libertário. Este número é integralmente dedicado a essas sinistras organizações denominadas FMI, Banco Mundial e ao acordo GATT. Conta com numerosos artigos da autoria do colectivo editorial e de diversas outras organizações/individualidades que mundialmente denunciam as manobras do capitalismo internacional na sua interminável busca de poder/lucro. O arranjo gráfico é agradável para o qual contribuiu a utilização de gravuras em maior quantidade do que nos números anteriores. Pouco antes de terminar este número do Crack! recebi o mais recente caderno, agora chamado apenas *Insurreição*, que é exclusivamente constituido pela tradução de um artigo saído na revista espanhola *Etcetera* sobre o movimento Zapatista intitulado "Os motivos de Chiapas". O que tive a oportunidade de ler até agora é excelente. [VR] C.I./ Apartado 4013/ 4001 Porto Codex/ Portugal

El Clandestino #3
24 pags · ≈A5 · castelhano · US$3
Fanzine musical venezuelano com entrevistas, entre outros, aos franceses MANO NEGRA e aos argentinos TODOS TUS MUERTOS. Arranjo gráfico bem acima da média para um zine sul-americano, bem escrito e com uma atitude musicalmente aberta (abordando vários estilos dentro e nas margens do punk). Através do contacto deste zine também se pode obter o *Provo - Cuadernos de Cultura Libertária*, do qual já saíram dois números.[VR] Julio Bravo/ Apartado 145/ Barquisimeto Edo. Lara/ Venezuela

Estrela Negra
A5 · Russo · 2×IRC
Uma curiosidade para aqueles que gostam de lamber envelopes (já estou a imaginar as bocas quando o Crack! sair). Trata-se dum zine anarcho-punk, escrito em incompreensíveis caracteres russos, o editor quer trocar com pessoal interessado: discos, fanzines, etc. [MN] Michael Shuvalov/ Pervaya Street / House 213, Flat 51 / Chernogolovka / Moscow region 142432 / Russia

Green Brigades #12
56 pags · A5 · inglês · US$2
Edição internacional deste boletim polaco, rondando as actividades de várias associações ecologistas desse país. Neste número: Serviço Militar, Eco-comunidades, direitos dos animais/humanos, eleições na Polónia, numa excelente sintonia com temas ambientalistas como: Floresta, Pássaros, áreas protegidas da Polónia. Um bom exxemplo dum boletim ecologista. [MN] Zielone Brygady/ Wydzial Chemii UJ/ Ingardena 3/100/ 30-060 Kraków, Poland

Inquietação #4
34 pags · A4 · 430$
Último número, que comemora dez anos, desta revista libertária/marxista radical do Porto. Óptimos artigos de Paulo Esperança e Luís Chambel sobre o mov. Zapatista e acerca duma polémica com a revista Política Operária. De destacar, ainda, os textos "Intocáveis!!! Futebol, Igreja e Forças Armadas" de Paulo Esperança, "Juventudes!" de António Eduardo, "Dez anos" retirado da revista catalã *Etcetera* e dois textos do "nosso" Mutante Noé intitulados "Fanzines ou o Exercício do Anti-Poder" e "Casa Reciclada". A ler sem demora. [VR] *em distribuição através da Confronto*

Letra Livre #2
12 pags · ≈A4 · US$2
Revista anarquista surgida recentemente no Rio de Janeiro. Artigos sobre as eleições (em particular sobre as últimas que o Brasil teve), sobre a escravidão do trabalho, racismo, o poder da TV brasileira e, ainda, a reprodução de três textos históricos de Pietro Gori, Anton Pannekoek e do chefe indio Seattle. Boa apresentação gráfica. Através desta revista também se podem obter, entre outras, as obras mais recentes de Edgar Rodrigues. [VR] Letra Livre/ Caixa Postal 50083/ CEP 20060-070 Rio de Janeiro - RJ/ Brasil

Libera... Amore Mio
4 pags · A4 · US$1
De periodicidade mensal, arranjo gráfico agradável, este boletim é um dos melhores exemplos do que é possível fazer-se em matéria de publicações anarquistas de informação. O modelo é constante: a primeira página abre com uma artigo analisando a actualidade política/social brasileira, a segunda é acerca de lutas do movimento anarquista na actualidade, a terceira é dedicada à história do anarquismo e, por fim, a quarta inclui "notícias libertárias" e um calendário de actividades. Excelente. [VR] Circulos de Estudos Libertários/ CP 14576/ CEP 22412-970 Rio de Janeiro/ Brasil

O Sal da Ira #94
30 pags · A4 · 280$
Publicação anarquista de Lisboa. Neste número: FMI/Banco Mundial, os Meios de Comunicação de Massas, uma biografia de Malatesta, Lisboa: Capital da Cultura, uma análise em paralelo da situação política portuguesa e espanhola, uma resposta a um artigo d'A Batalha, e várias notícias, recensões críticas, contactos, etc. Um trabalho honesto que desejamos uma longa vida. [VR] Equipa H/ Apartado 2529/ 1113 Lisboa Codex/ Portugal

Política Operária #45
42 pags · A4 · 430$
Segundo os próprios, uma revista comunista. Periodicidade bimestral, tiragem acima dos mil exemplares e bom grafismo. Ponto de vista não muito ortodoxo, feroz anticavaquismo e anticapitalismo e um irritante orgulhosamente sós. O melhor desta revista é a boa quantidade de informação sobre greves, lutas operárias e camponesas, que vão acontecendo por todo o país e o facto de serem mais uma voz revoltada. Lamento o facto de perderem demasiado texto com críticas livrescas aos partidos e aos "outros": Ecologia, Autonomia, Cooperativismo, etc. [MN] Política Operária/ Apartado 1682/ 1016 Lisboa Codex/ Portugal

Profane Existence #23, #24 e 25
32/56/79 pags · ≈A3/≈A4 · inglês · 270$/270$/340$
Para quem ainda não conhece começo por dizer que este é o maior zine anarco-punk do planeta. O #23, saído na segunda metade de 94, é um dos melhores números saídos até à data. Para além das entrevistas musicais (AMBUSH, DEFORMED CONSCIENCE e TOTAL CHAOS) conta com uma entrevista ao Subcommandante Marcos da guerrilha Zapatista e outra ao Jon da Active Distribution. De especial destaque é a secção de notícias com nada menos do que 8 grandes páginas! Tenho notado que esta secção é das que menos atenção recebe da maioria dos leitores, facto bastante lamentável já que é das melhores que este zine tem. Com o #24 é retomado o mais prático formato "letter" (aprox. A4) é feita uma grande cobertura de actividades de protesto levadas a cabo por punks em diversas partes do mundo: Alemanha, Estados Unidos, Brasil, Portugal, Rep. Checa e Austrália. Entrevistas aos GRAUE ZELLEN, 3-WAY CUM e aos HEALTH HAZARD. Notícias, cartas, colunas, críticas a discos e publicações completam o conteúdo deste número. O #25 surge agora após um interregno de alguns meses como um número duplo. 8 páginas de notícias mais entrevistas com os japoneses BATTLE OF DISARM (banda que tem um split 7" com os INKISIÇÃO), POWER OF IDEA, aos americanos BLOWNAPART BASTARDS e aos mexicanos REGENERACIÓN. Inclui, ainda, uma reportagem sobre o *Anarchy In The UK*, um sobre destilação caseira (!), sobre a situação actual do movimento anarquista na Rússia e outro sobre a *Anti-Fascist Action* da Polónia. Leitura obrigatória. [VR] P.E./ PO Box 8722/ Minneapolis, MN 55408/ USA *(em distribuição através da Confronto)*

Punk Planet #5
80 pags · ≈A4 · inglês · US$3
Este zine veio satisfazer aquele sector do punk americano descontente com as políticas editoriais algo autoritárias da *Maximum Rock'n'Roll* e conta com a participação, entre outros colunistas, com Lawrence Livermore da *Lookout Records* que parece desenvolver um gosto especial em dizer mal de outros membros da cena. O arranjo gráfico é muito "limpo" e profissional mas o conteúdo não me seduziu grandemente, diria até que é um passo atrás em relação à *MRR*, fanzine que sobre o qual, diga-se a propósito, se tornou agora moda dizer-se mal (até o Jello Biafra os acusa de serem moralmente culpados pelas agressões de que foi vítima há um ano atrás em Gilman Str.). O *PP* é, por seu lado, um zine de opiniões *soft*, não anarquista, de malta, tás a ver, "alternativa" mas "sem rótulos"... Um zine que, não fossem os "inquietantes" e intermináveis debates à volta da assinatura de uns GREEN DAY ou de uns BAD RELIGION por *majors* ou a política editorial de não aceitar publicidade destas editoras, poder-se-ia dizer proveniente de gente afecta ao Partido Democrata ou a outra agregação política de gestores da tirania capitalista norte-americana.[VR] Punk Planet/ PO Box 1711/ Hoboken/ NJ 07030-9998/ USA

Utopia #1
112 pags · 800$
Depois do desaparecimento da revista *A Ideia* há 4 anos atrás, tinha deixado de existir em Portugal uma publicação anarquista de larga circulação constituída, em grande parte, por textos longos de análise e reflexão mais do que por notícias de actualidade. É apreciável o esforço que foi feito para reunir nesta revista um conjunto de colaboradores, entre os quais se inscrevem alguns dos mais talentosos e fluentes autores/articulistas actuais: J.M. Carvalho Ferreira, Júlio Henriques, José Tavares, Miguel Serras Pereira, Torcato Sepúlveda, Alberto Pimenta, Luís Chambel, Edgar Rodrigues, entre outros. Ainda que alguns destes autores sejam oriundos do situacionismo e do marxismo crítico, isto não constituiu impeditivo para que pudessem cooperar num projecto editorial de cariz abertamente anarquista, facto de louvar tendo em conta toda a tradição de sectarismo e isolacionismo predominante, desde há muito tempo, nestas correntes de pensamento. Do conteúdo deste nº1 destaco o excelente artigo de abertura, "O Anarquismo Hoje: Problemas e Possibilidades de uma Prática Libertária" de A. Joaquim de Sousa, o artigo de J.M. Carvalho Ferreira, "Ecologia Social e Desenvolvimento", o *dossier* Chiapas onde se incluem textos de Júlio Henriques, Noam Chomsky, Claudio Albertani, B.Traven, uma entrevista ao Subcomandante Marcos e o artigo de Júlio Henriques sobre recentemente desaparecido teórico situacionista Guy Debord. Anseio ver, de futuro, eliminados alguns dos problemas deste número a nível gráfico, de modo a que esta revista venha a ter a divulgação e aceitação merecidas. [VR] *em distribuição através da Confronto.*

Livros

Nanni BALLESTRINI
"Queremos Tudo"
Fenda (Lisboa, 1993)
Potente. Um livro radical. Numa escrita, ela própria revolucionária, consistente, dura, rápida, o autor conta na primeira pessoa a vida na Itália do final dos anos 60, desde o êxodo dos meios rurais do Sul até às gigantescas fábricas de automóveis do Norte industrializado. Centrando-se depois nas lutas operárias dos períodos mais quentes que toda a Europa conheceu —em Portugal, só em 74/75—, os anos 68/69. As quezílias sindicais, a vida na fábrica, as relações entre colegas, o retrato dos "superiores", a insurreição e a luta nas ruas onde participaram famílias, imigrantes, estudantes. [MN]

Charles REEVE e Sylvie DENEUVE
"Viajantes à Beira duma América em Crise"
Fora do Texto (Coimbra, 1995)
Os Estados Unidos são, de longe, o maior exportador mundial de "cultura". Como é então possível que saibamos tão pouco acerca deste país? Esta é a questão que nos salta de imediato após ter lido este livro. Um livro que é uma espécie de diário de uma viagem feita à quatro anos pelos autores e onde é feito um retrato da face real dos EUA dos nossos dias. Sem vasculhar deliberadamente os podres da nação, mas evitando um roteiro meramente turístico, os

autores percorrem cidades como Nova Iorque, Chicago, Filadélfia, Detroit, e transmitem-nos o testemunho daquilo que observam, seja nas ruas, na televisão, nos jornais ou nas conversas com os locais. Reparem só nesta curta passagem retirada de uma descrição de Detroit: "De 1950 a 1990 a cidade perdeu metade dos seus habitantes (um milhão de pessoas) e uma quarta parte dos que ficaram vive da Assistência pública. Uma em cada três lojas foi abandonada, assim como dezenas de milhar de prédios de habitação, sendo até possível aos curiosos visitar os arranha-céus fantasma no centro da cidade!". Como esta há, ao longo deste livro, dezenas de outras "revelações", dados sagazmente mostrados e analisados — numa óptica libertária — pelos autores. Escrito numa linguagem acessível e apelativa q.b., este é um livro essencial para todos os queiram saber mais sobre o país do "capitalismo real". [VR]

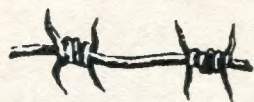
Filmes & Videos

O cinema e o video são poderosos meios de comunicação que, infelizmente, têm encontrado pouca receptividade nos meios libertários. O seu potencial é enorme, sobretudo numa época em que a palavra escrita perde cada vez mais o seu poder como meio de transmissão de ideias. Seria importante que esta área obtive mais atenção e por essa razão resolvemos introduzir aqui esta secção que tem como objectivo dar a conhecer algum do cinema/video alternativo que se faz actualmente.

Manufacturing Consent: Noam Chomsky and the Media
de Mark Achbar e Peter Wintonick
165 min · Necessary Illusions · Canadá, 1992
Filme documental sobre o mundialmente famoso linguista, libertário e dissente americano Noam Chomsky. Fazendo uso de uma admirável quantidade de registos filmados em diversos locais do mundo ao longo de 5 anos, imagens de arquivo, partes de outros filmes e de sequências elaboradas pelos próprios realizadores, este documentário consegue ser um poderoso e fascinante testemunho das ideias desse activista impar que é Chomsky. O título do filme provém de um livro co-escrito com Edward Herman onde é analisado o papel dos *media* como agentes de propaganda ao serviço dos interesses politico-económicos dominantes. Este tema, juntamente com a crítica da política externa norte-americana, tem sido um dos mais abordados por Chomsky nos seus já inúmeros livros e é, também, o tema central em torno do qual gira este filme. Foram, também, incluídos alguns dados biográficos sobre Chomsky, visto não serem dissociáveis as ideias da pessoa do seu percurso pessoal como pensador/activista. A edição em video — e suponho que também a de cinema — é mais longa em 45 min do que a versão para televisão. Nesta última os realizadores optaram por aligeirar o filme no seu conteúdo político e utilizar uma montagem muito mais rápida procurando, assim, estimular o interesse do espectador comum.
O excelente trabalho da equipa que realizou este filme tem, felizmente, vindo a ser recompensado. O acolhimento por parte do público e da crítica tem sido notável. Já ganhou 15 prémios internacionais, foi exibido em salas de cinema em mais de 300 cidades do mundo e foi transmitido por estações de televisão de 15 países. Mais ainda, em termos de bilheteira é o documentário com mais sucesso da história do Canadá! Óptimas notícias, sem dúvida, não só para o cinema alternativo, mas sobretudo para as ideias de Chomsky e para a causa do povo de Timor-Leste, tema extensamente abordado neste filme e que tem sido um dos resultados práticos mais notórios do seu sucesso.
A acompanhar o filme foi editado pela Black Rose Books, também de Montréal, o livro com o guião completo, muitas fotografias e massivas quantidades de informação adicional sobre cade detalhe do filme. Inclui, ainda, uma bibliografia completa das obras políticas de Chomsky e uma lista de publicações, livros, grupos de discussão na Internet, programas de rádio e filmes cujo conhecimento e contacto os realizadores recomendam.
Para obteres uma cópia em formato VHS (PAL) da versão televisiva legendada em português contacta a distribuidora *Confronto*. Também deverás contactar esta distribuidora se estiveres interessado na versão original (com mais 45 min) ou no livro. Para informações sobre preço e disponibilidade de versões legendadas para outras línguas e regiões do mundo contactar a produtora. [VR] Necessary Illusions/ 24 Mount Royal West, #1008/ Montréal, Quebec H2T 2S2/ Canada

The Panama Deception
de Barbara Trent
90 min · The Empowerment Project · EUA, 1992
Seguindo uma já longa tradição de domínio e controlo da América Latina, os EUA invadiram em 1989 o Panamá. Sob o pretexto da necessidade de derrubar Noriega devido às suas ligações com o tráfico de droga, os Estados Unidos fizeram um uso brutal da sua poderosa máquina de guerra e, durante vários dias, semearam o terror no seio da população civil panamense. O que realmente se passou no terreno foi, todavia, ocultado pelos militares e, também, pelos *media* norte-americanos que foram de uma cumplicidade assustadora. Este filme revela os chocantes e desconhecidos pormenores desta invasão, abordando todos os antecentes do conflito — a independência patrocinada pelos EUA no início do século, a construção do canal, o assassinato do presidente Torrijos pela CIA, a opoio longamente prestado a Noriega pelos EUA e o seu posterior distanciamento destes —, os crimes levados a cabo pelos militares americanos durante a intervenção — são entrevistadas inúmeras testemunhas oculares assim como críticos da administração Bush nos Estados Unidos —, o posterior acordo que asseguraria o controlo do Canal pelos americanos — verdadeira razão pela qual foi levada a cabo a intervenção militar —, a situação um ano depois dos desalojados pelos bombardeamentos, e o papel colaborante dos *media* em todo o processo. Um documentário brilhante capaz mesmo até de abalar muitos simpatizantes do regime americano. Um documento fundamental.
A distribuidora *Confronto* está a vender o video (PAL) com a versão legendada e comentada em português. Para obter informações acerca da disponibilidade deste filme em outros formatos/sistemas contactar a produtora. [VR] The Empowerment Project/ 3403 Hwy 54 West/ Chapel Hill, NC 27516/ USA

Os Salteadores
de Abi Feijó
15 min · Filmógrafo · Portugal, 1993
Curta metragem de animação produzida no Porto. Baseado num conto de Jorge de Sena, este filme aborda a colaboração do regime salazarista com os fascistas espanhóis após o fim da Guerra de 36-39 na captura e entrega de fugitivos republicanos. Sem pretender ser um libelo político ou uma descrição deste período histórico — a sua duração e carácter não o permitiriam —, este é um tocante e belo filme de animação, o melhor jamais realizado em Portugal. Os desenhos, filmados a preto-e-branco, são incríveis, assim como é, também, a animação, filmada em 24 imagens/seg ao contrário das habituais 12. No festival de Cannes de 1994 ganhou o prémio especial do júri da crítica, facto que todavia não lhe valeu maior divulgação — sabendo nós que estamos num país onde os filmes portugueses são os últimos a serem conhecidos. Não existe uma edição em video disponível para o grande público. [VR]

Kontzertua Gaztetxean
50 min · DDT · Euskadi (Espanha), 1994
Concerto dado pelos SOZIEDAD ALKOHOLIKA em Gaztetxe de Gasteiz em Março de 94. Bem produzido, com outras imagens para além das do concerto e com uma sequência de desenhos animados especialmente realizada para este video. O desempenho da banda é óptimo, não andando, em perfeccionismo, longe do de estúdio. São ao todo 14 temas de todos os discos editados até à data pela banda. Razões não houvessem já para comprar este video, acrescenta-se mais uma: o preço é 1500 ptas! [VR] DDT/ Iturribide 66/ CP 48006 Bilbo - Bizkaia/ Espanha

CONFRONTO

Distribuidora postal
No último catálogo é possível encontrar:

DISCOS

ACTIVE MINDS - "Behind the Mask" 7"EP · ALCOORE - "Terra das Flores" 7"EP · BIKINI KILL - "New Radio" 7"EP · BUDELLAN - "Nascuts Per Ser..." LP · EL CORAZÓN DEL SAPO - "La Imaginación Contra el Poder" LP · DEAD KENNEDYS - "Plastic Surgery.../In God We Trust, Inc." CD · GENITAL DEFORMITIES/SUBCAOS - CD · HUGGER MUGGER - "Idiota" 7"EP · INKISIÇÃO/X-ACTO - CD · INTERNAL AUTONOMY - "Only You Have The Power" 2×7"EP · LA POLLA RECORDS - "La Revolución" LP/CD · LA POLLA RECORDS - "No Somos Nada" LP · LOVE, TRUTH & HONESTY - "The Impossible Dream" 7"EP · MONSTRUACIÓN - "Insubmissió Total" LP · NATURAL CAUSE - "Mess" 7" · ORGON - "Nuestros Sueños Son..." · REINCIDENTES - "Donde Esta Judas?" Cass · RESIST - "Ignorance is Bliss" LP · RHYTHM COLLISION - "Now" LP · SCAPEGRACE - "The Ones Who Fall..." 7"EP · SOZIEDAD ALKOHOLIKA - "Y Ese Que Tanto Habla..." LP/CD · SOZIEDAD ALKOHOLIKA - "Intoxikación Etílica" CD · UP IN ARMS - 7"EP · *Vários* - "Achtung Chicago! Zwei!" CD · *Vários* - "Someone's Gonna Get Their Head..." CD · 24 IDEAS - CD

FANZINES / JORNAIS / REVISTAS

AFÓBICO #1 · CRACK!#2 · CRACK!#3 · EL VÍBORA #173-174/#181 · HEART ATTACK #4 · KANIBAL #1 · LUNATIC #1 · MAJOR LABELS · MAXIMUM ROCK'N'ROLL · MORTE À CENSURA #6 · NATURANIMAL #4 · PROFANE EXISTENCE #18,22,23 e 24 · PUNK PLANET #5 · TAKE BACK YOUR LIFE · VONTADE DE FERRO #1 · A BATALHA #145,146,147,148,149 · INQUIETAÇÃO #4 · CADERNOS INSURREIÇÃO #6 · CNT #173 · LE MONDE LIBERTAIRE · MALASARTES #8 · PRAVDA #4,6 e 7 · THE SHADOW #34

LIVROS (Ensaios, Ficção, BD)

Mikhail BAKUNINE - "O Princípio do Estado" · Ana BARRADAS - "Os Ministros da Noite" · Albert CAMUS - "O Homem Revoltado" · Guy DEBORD - "A Sociedade do Espectáculo" · Pietro GORI - "A Anarquia e os Tribunais" · Kropotkine - "A Conquista do Pão" · Luiz LUNA - "Resistência do Índio à Dominação do Brasil" · Errico MALATESTA - "Escritos Revolucionários" · George ORWELL - "Homengem à Catalunha" · Charles REEVE e Sylvie DENEUVE - "Vijantes à Beira de uma América em Crise" · Wilhelm REICH - "Escuta Zé Ninguém" · Edgar RODRIGUES - "Breve História do Pensamento e das Lutas Sociais em Portugal" · Henry David THOREAU - "A Desobediência Civil" · Tuiavii de TIAVÉA - "O Papalagui" · Raoul VANEIGEM - "A Arte de Viver Para a Geração Nova" · Nicolas WALTER - "Do Anarquismo" · Nanni BALESTRINI - "Queremos Tudo" · Stig DAGERMAN - "Jogos da Noite" · HERMANN HESSE - "O Lobo das Estepes" · Aldous HUXLEY - "Admirável Mundo Novo" · Henry MILLER - "Trópico de Câncer" · Alberto PIMENTA - "A Visita do Papa" · SADE - "A Verdade" · MAX - "Peter Pank" ***e muitos mais!***

Para receberes um catálogo actualizado envia dois selos ou, no estrangeiro, um IRC para:

Confronto
Apartado 460
4400 Gaia
Portugal

ACTO CONTÍNUO

Domingos à noite 01-03h

Punk-hardcore, noise e outros sons da raiva. A música é violenta mas de intervenção e os gritos não são grunhidos. Sempre punk novo a aparecer para estoirar com o conformismo

METAMORPHOSIS

Sábados à noite 01-03h

Já há mais de 3 anos a emitir e sempre a divulgar novos e corrosivos sons e palavras. Música experimental, ambiental, hip-hop, etc.

RÁDIO UNIVERSITÁRIA DO MINHO 97.5 MHz
Material promocional e cartas para:
Luís Moreno · Apartado 4102 · 4002 Porto Codex · Portugal